

A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MARÇO DE 1996



A LIAHONA

MARÇO DE 1996



Capa:

Localizada no isolado sertão da Austrália, a pequena cidade de Alice Springs é o lar de um animado grupo de adolescentes SUD. *Primeira capa:* Yasmin Webster (esquerda) e Lavinia Archibald, do Ramo Alice Springs, conversam sentadas num eucalipto. *Última capa, Em cima:* Encontrando alegria no evangelho, as alegres moças do ramo fazem amizade com quem quer que chegue a Alice Springs. *Embaixo:* Para Steven Yeckley (esquerda) e Ivan Munn, o sertão é um tesouro para se compartilhar com um amigo. Ver "Alice Springs", p. 10. (Fotografia da capa de Richard M. Romney.)

Capa da Seção Infantil:

Você já pensou em como se sentiria ao ver o Salvador olhá-lo bem nos olhos e sorrir? Como Sua voz soaria? O que Ele lhe diria?
Para saber como pode ouvir-Lhe a voz, leia "As Palavras de Cristo", p. 10. (Pintura: O Sermão da Montanha, de Harry Anderson.)

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: FELICIDADE— A BUSCA UNIVERSAL PRESIDENTE THOMAS S. MONSON	2
ATRAÇÃO POR PESSOAS DO MESMO SEXO ÉLDER DALLIN H. OAKS	14
LEMRRAR-SE DE QUANDO O SOL BRILHAVA WADE J. HATCH	26
IRMÃO ANDELIN E A GANGORRA ROBERT SHAWGO	28
IRMÃS DA HUNGRIA: SERVINDO COM AMOR MARVIN K. GARDNER	34
A ESCURIDÃO E A LUA FRANK OUTCELT	44
O AMOR DE MINHAS IRMÃS JAN T. MOLLOY	46

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

DEUS ME CONHECE KAZUKO TAMAKI	9
ALICE SPRINGS RICHARD M. ROMNEY	10
CEGUEIRA LAURIE W. THORNTON	32
O PODER DA MÚSICA TAMARA LEATHAM BAILEY E CHRISTIE GILES	40
EU TE AMO UM TANTO ASSIM LADAWN RISENMAY	42

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS	1
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: "COMO EU SOU"	31

SEÇÃO INFANTIL

FAZER AMIGOS: RACHEL TAN DE CINGAPURA MILES T. TUASON	2
SACERDÓCIO ÉLDER CHARLES DIDIER	4
FICÇÃO: A FAMÍLIA ANDRADE E SEU FANTASMA VICKIE SCHILLEN	6
NÉFI OBTÉM AS PLACAS	9
TEMPO DE COMPARTILHAR: AS PALAVRAS DE CRISTO KAREN ASHTON	10
SÓ PARA DIVERTIR	12
HINO: RUSCAREI CEDO AO SENHOR JOANNE BUSHMAN DOXEY	13
PERIGO NO RIO SNAKE KELLI EINFELDT	14

COMENTÁRIOS

UMA ASSINATURA DE PRESENTE

Tenho assinado a *Valkeus* (Finlandês) desde que fui batizada há aproximadamente doze anos. Sou muito grata pela maravilhosa revista. Ela preenche minha vida com espiritualidade e com a alegria do evangelho. Gosto de compartilhar meu testemunho da divindade da Igreja, e *Valkeus* tem sido como uma companhia missionária para mim. Envio assinaturas de presente para amigos e partilho meu exemplar pessoal com qualquer pessoa que demonstre interesse por ele.

Irene Kangas
Ala Palm Beach
Estaca Pompano Beach Florida

tomou a decisão de batizar-se. Ela sentiu o amor e carinho demonstrados em "Sabia Que Ela Estaria Aqui Hoje" (Agosto 1994) e foi batizada.

Meu companheiro e eu começamos a ensinar uma jovem senhora que ouvira as palestras antes, mas ainda não sabia que a Igreja era verdadeira. Pedi-lhe que lesse os artigos de *A Liahona* "Eu Queria um Milagre" (Fevereiro 1994) e "Eu Esperava Milagres" (Outubro 1993). Mais tarde ela foi batizada.

Sou grato por uma revista que nos ajuda tanto.

José Ricardo B. de Madeiros
Ramo Divinópolis
Estaca Contagem Brasil

EXEMPLOS MARAVILHOSOS

Sou filipina e vivo em Cingapura, não podendo ir sempre à Igreja por causa do meu trabalho. Eu adoro ler a *Liahona* (inglês). Ela é uma grande força para mim e me dá apoio espiritual em minha vida. Sou tocada quando leio os exemplos maravilhosos de meus irmãos e irmãs que vivem o evangelho em outras partes do mundo.

Erlinda L. Rojas
Cingapura

OS ARTIGOS TOCAM-ME O ESPÍRITO

Sou grato pela ajuda que a *Liahona* (inglês) tem sido para mim nestes seis anos em que sou um santo dos últimos dias. Os artigos tocam-me o espírito e ajudam a fortalecer meu testemunho.

Aloha Clarito
Ramo Tacurong
Distrito Marbel Philippines

REVISTA MISSIONÁRIA

Como missionário, uso artigos de *A Liahona* (português) como material especial de ensino para complementar as palestras missionárias. Por exemplo, uma senhora aceitou as palestras, mas não

Convidamos os leitores a enviar-nos suas cartas, artigos e histórias. O idioma não é obstáculo. Inclua seu nome completo, endereço, ala e estaca (ramo e distrito). Nosso endereço é: *International Magazines*, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, USA.



Felicidade—a Busca Universal

Presidente Thomas S. Monson

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Todos nós desejamos ser felizes. O Profeta Joseph Smith captou o que realmente sentimos quando fez a seguinte declaração: “A felicidade é o objetivo e o propósito da nossa existência; e também será o fim, caso sigamos o caminho que nos leva até ela; e esse rumo é a virtude, retidão, fidelidade, santidade e obediência a todos os mandamentos de Deus.”¹ Talvez seja proveitoso revermos os passos desse caminho para termos certeza de que o estamos seguindo firme e sinceramente, a fim de que o objetivo pretendido seja alcançado.

Primeiro, *o caminho da virtude*. O dicionário define virtude como “disposição firme e constante para a prática do bem; boa qualidade moral; valor.”

Anos atrás a Igreja criou um programa para ajudar rapazes e moças, caracterizado pelo uso de cartazes e pequenos cartões contendo pensamentos e mensagens sobre a verdade. A série de cartões intitulava-se “Seja Honesto Consigo Mesmo!” Uma das mensagens continha a desafiadora e profunda declaração: “A virtude por si só já é uma recompensa.”



Precisamos da determinação e firmeza, sim, da visão para compreender claramente o caminho que Jesus gostaria que trilhássemos, e não sermos dissuadidos pelas coisas do mundo ou pelos desígnios do maligno.

“Aprendeis que aquele que pratica as obras de justiça receberá a sua recompensa, sim, paz neste mundo e vida eterna no mundo vindouro.”²

A tentação faz parte da vida e toda pessoa é tentada de uma maneira ou de outra enquanto está na mortalidade. O Apóstolo Paulo, contudo, ciente dessa verdade, assegurou-nos do seguinte: “Não veio sobre nós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.”³

Diz-se que a consciência nos adverte como um amigo antes de nos punir como um juiz. Perguntaram a um jovem em que situação sentia mais felicidade. A resposta já continha uma lição: “Sinto mais felicidade quando tenho a consciência limpa.”

Segundo: *o caminho da retidão*. Para definir esse caminho, cito o primeiro versículo do primeiro capítulo do livro de Jó, no qual lemos: “Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó; e era este homem íntegro, reto e temente a Deus e desviava-se do mal.”

A vida de Jó não foi tranqüila. Cercado de problemas, destituído de bens, pesaroso com a perda da família e torturado pela dor, recusou o convite de “amaldiçoar a Deus”. Ao invés disso, do mais profundo de sua nobre alma, prestou o grandioso testemunho: “(. . .) eu sei que meu Redentor vive (. . .).”⁴

O Dr. Karl Menninger, brilhante cientista que fundou e desenvolveu o mundialmente conhecido centro psiquiátrico de Topeka, Kansas, declarou que a única forma de a nossa sociedade sofrida, ansiosa e batalhadora evitar seus problemas morais é reconhecer a realidade do pecado. Este é o tema de sua famosa publicação *Whatever Became of Sin* (“O Que Aconteceu com o Pecado?”). Trata-se de um apelo à humanidade para que reflita sobre o que estamos fazendo com nós mesmos, com as outras pessoas e com o universo. O Dr. Menninger citou Sócrates que, assombrado, se perguntava: “Como é que os homens, sabendo o que é bom, fazem o mal?” Disse o Dr. Menninger:

“Cheguei à conclusão de que a moralidade do ‘todo o

mundo faz isso’, característica do mundo comercial, está enfraquecendo as pessoas. Devemos acreditar em nossa responsabilidade pessoal de corrigir nossas próprias transgressões—as mentirinhas, os pequenos roubos, a apatia que caracteriza nossa indiferença”. Posteriormente, enfatizou: “Se o conceito de responsabilidade em relação a nós mesmos e a outras pessoas voltasse a ser senso comum, e se o homem novamente se sentisse culpado por seus pecados, se se arrependesse e tivesse uma consciência capaz de impedi-lo de cometer outras transgressões, a esperança retornaria ao mundo.”⁵

Gostaria de relatar uma lição que aprendi na infância: Nossa família teve uma casa de veraneio em Vivian Park, Provo Canyon (Desfiladeiro de Provo) por cinco gerações. Os meses de julho e agosto para mim eram sinônimo de pescaria, caminhadas e banhos de rio diários. Subíamos numa grande pedra e, de lá, pulávamos para um mergulho, fazendo manobras pela correnteza veloz que bramava e formava perigosos redemoinhos. A maioria dos nadadores precipitavam-se nas águas geladas e nadavam com a correnteza, passando rapidamente pela grande pedra, sendo por fim levados às águas mais calmas e ao banco de areia do rio. Digo todos, exceto um. Seu nome era “Beef” Peterson. No calção de banho trazia o emblema de salva-vidas e seu físico mostrava que era muito forte. Beef, como os demais, nadava rapidamente correnteza abaixo até os redemoinhos, mas de repente parava e nadava de volta, subindo o rio. As braçadas vigorosas levavam-no para adiante somente poucos centímetros, mas a rapidez da correnteza acabava segurando-o num mesmo lugar enquanto ele opunha sua força contra a do rio. Aos poucos, Beef ia ficando cansado, virava-se e então nadava sem esforço até o banco de areia, exausto. Nadar contra a correnteza tornou-se sua marca registrada.

Irmãos e irmãs, tenho certeza de que nosso dever e responsabilidade significam muitas vezes nadar rio acima e contra a maré de tentações e pecados. Quando isso acontece, nossa força espiritual aumenta e tornamo-nos capazes de cumprir as obrigações que Deus nos deu.



Quando John Helander se aproximava da linha de chegada, o público, de uma só vez, ficou de pé. Cambaleando, caindo, exausto, mas vitorioso, ele completou a corrida, embora fosse deficiente físico.

Num dos meus brinquedos preferidos na Disneylândia, no estado da Califórnia, vemos numa parede um paradigma da verdade. Podemos lê-lo assim que entramos no barco para um mergulho daqueles de tirar o fôlego e de deixar-nos de cabelos em pé. O Tio Remus (nota do autor: narrador negro fictício de contos folclóricos escritos por Joel Chandler Harris e que se tornou famoso nos filmes de Walt Disney) diz: “Não se pode fugir dos problemas. Nenhum lugar fica tão longe”.

Terceiro: *o caminho da fidelidade*. Esse caminho tem a conotação de obediência, lealdade e cumprimento de promessas. Como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, devemos respeitar convênios, e a fidelidade a eles é um requisito para a felicidade. Refiro-me, como exemplos, aos convênios do batismo, do sacerdócio e do casamento.

Não há lugar de descanso no caminho da fidelidade. A viagem não tem interrupções e não se permitem atrasos. Não devemos esperar que a estrada da vida esteja desobstruída. Devemos prever as bifurcações e os desvios à esquerda e à direita. Não podemos, no entanto, esperar alcançar o destino almejado se decidirmos a

esmo seguir para o leste ou para o oeste. Precisamos tomar decisões com um propósito em mente.

Como disse Lewis Carrol, Alice estava caminhando por uma floresta no País das Maravilhas quando se deparou com dois caminhos. Indecisa, perguntou ao Gatinho de Cheshire, que aparecera repentinamente numa árvore próxima, qual direção deveria tomar.

“Para onde você quer ir?” perguntou o gato.

‘Não sei’, disse Alice.

‘Então não faz diferença, não é?’ disse o gato.”⁶

Sabemos para onde queremos ir! Será que temos a determinação, a firmeza para chegar lá? O Presidente N. Eldon Tanner respondeu a essa pergunta quando declarou: “Prefiro ir a pé para o reino celestial (. . .) do que deixar que as coisas deste mundo me impeçam de chegar lá.”⁷

Um de meus poemas preferidos lança o seguinte desafio:

*Persista em sua tarefa até completá-la;
Muitos começam, mas poucos terminam.
Honra, poder, posição e louvor
Virão, com o tempo, àquele que perseverar.
Persista em sua tarefa até completá-la;
Dedique-se, trabalhe arduamente e sorria;
Pois da dedicação, do trabalho e do sorriso
Surgirão, depois de algum tempo,
As vitórias da vida.”⁸*

Recordemos o conselho de Eclesiastes, ou o Pregador: “(. . .) Não é dos ligeiros a carreira, nem dos fortes a batalha (. . .)”⁹, mas daqueles que “perseverarem até o fim”.¹⁰ Posteriormente, o Apóstolo Paulo aconselhou: “(. . .) Os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio (. . .) Correi de tal maneira que o alcancéis.”¹¹

No santuário interior da consciência de cada um jaz o espírito, a determinação de repudiar o homem velho e de tornar-se a pessoa que todos realmente desejamos ser. O caminho, contudo, é acidentado e a jornada, extenuante. Foi isso o que descobriu John Helander, de

Göteborg, Suécia. John tem 26 anos e é deficiente físico. É difícil para ele coordenar os movimentos.

Numa conferência de jovens em Kungsbacka, Suécia, John participou de uma corrida de 800 metros. Ele não tinha a mínima chance de ganhar. Pelo contrário, poderia ser humilhado e ridicularizado. Talvez John se tivesse lembrado de Alguém que viveu há muito tempo, bem longe da Suécia. Não zombaram Dele? Ele, porém, triunfou. Venceu a corrida. Talvez John pudesse vencer a sua.

E que corrida! Os competidores, lutando pela vitória, avançavam como um raio muito à frente de John. O público estava perplexo. Quem era aquele corredor tão atrás dos outros? A corrida era de duas voltas e os participantes, no segundo circuito, passaram por John que ainda estava na metade da primeira. A tensão aumentou quando os corredores se aproximaram da linha de chegada. Quem ganharia? Quem obteria o segundo lugar? Chegou, então, o momento de todos darem o máximo em velocidade. Romperam a fita, o público vibrou, o vencedor foi aclamado.

A corrida terminara—ou não? Quem era o atleta que continuava a correr, mesmo depois de finalizada a competição? John cruzou a linha de chegada, mas ainda era a primeira volta. O jovem tolo não sabia que perdera? Sempre adiante, John não desistia, sendo agora o único participante na pista. Aquela era a sua corrida. Devia ser a sua vitória. Ninguém na vasta multidão de espectadores se moveu. Os olhos de todos estavam sobre o valente corredor. John correu a última volta, aproximando-se do fim. Havia respeito e admiração no público. Todos os espectadores viram-se em sua própria corrida.

Quando John se aproximava da linha de chegada, o público, de uma só vez, ficou de pé e deu-lhe uma salva de palmas. Cambaleando, caindo, exausto, mas vitorioso, John Helander rompeu uma nova fita colocada especialmente para ele. Juízes também são seres humanos. Os vivas ecoaram por quilômetros. E, quem sabe, se os ouvidos estivessem bem sintonizados, seria possível ouvir o Grande Vencedor, Jesus Cristo, dizer: “Bem está,

servo bom e fiel.”

Todos nós participamos da corrida da vida. É reconfortante saber que há muitos corredores. Nossa confiança renova-se com o conhecimento de que o Vencedor eterno é compreensivo. O desafio está no fato de que todos temos de correr, mas não corremos sozinhos. A vasta multidão de familiares, amigos e líderes dar-nos-á coragem, aplaudirá nossa perseverança quando nos esquecermos de nossos tropeços e perseguirmos nossa meta. A corrida da vida não é para corredores de curta distância, que correm em pista plana. O caminho é repleto de armadilhas e obstáculos. Sentimo-nos mais confiantes com a letra do hino “Que Firme Alicerce”, que diz:

*“Se Deus é convosco, a quem temereis?
Ele é vosso Deus, Seu auxílio tereis.
Se o mundo vos tenta, se o mal faz tremer (. . .)
Com mão poderosa vos há de suster (. . .)
A alma que em Cristo confiante repousar,
A seus inimigos não há de se entregar.
Embora o inferno a queira destruir,
Deus nunca, oh, nunca, o há de permitir.”¹²*

Eliminemos toda idéia de fracasso. Livremo-nos de todo hábito que nos atrasa. Busquemos a exaltação. Obtenhamos o prêmio preparado para todos os homens: a vida eterna no reino celestial de Deus.

Quarto: *o caminho da santidade*. Norman Cousins escreveu: “Nenhum homem precisa temer a morte, exceto se a morte chegar sem que ele tenha conhecido seu maior poder—o poder de seu livre-arbítrio de dar a vida pelos semelhantes. Se fizer alguma coisa renascer em outras pessoas, você terá se aproximado da imortalidade.”

Aquele que venceu a morte e expiou os pecados do mundo, Jesus Cristo, fez um convite a cada um de nós de seguir Seu exemplo divino. “Segui-Me” foi Sua doce instrução. “Vinde, aprendei de Mim” foi Seu convite pessoal ao aprendizado que perdura além da vida e que continua por toda a eternidade.



Quando o Presidente N. Eldon Tanner era presidente de ramo, chamava os estudantes em seu escritório e dizia: “Se você estudar arduamente durante a semana, viver os princípios do evangelho e cumprir seus deveres aos domingos, prometo-lhe que será uma pessoa melhor e mais feliz do que se não freqüentasse a Igreja.”

“O propósito da educação”, escreveu John Sloan Dickey, “é tornar o homem perfeito, tanto em competência quanto em consciência. Criar a competência sem criar um princípio que oriente seu uso não é boa educação. Além do mais, a competência acaba se desintegrando se não houver consciência.”

Como devemos ganhar a determinação e a firmeza, sim, a visão, para compreender claramente o caminho que Jesus gostaria que trilhássemos, e não sermos dissuadidos pelas coisas do mundo ou pelos desígnios do maligno? Numa entrevista com Albert Speer, arquiteto pessoal de Hitler e ministro do exército, fizeram-lhe a seguinte pergunta: “Se você conhecia a natureza diabólica de Hitler, por que foi seu arquiteto?”

Speer respondeu: “É difícil reconhecer Satanás quando ele está com a mão no nosso ombro.”

Quando era presidente do ramo de Edmonton Alberta, o Presidente N. Eldon Tanner deu alguns conselhos simples e práticos aos vários jovens que foram para Edmonton a fim de freqüentar a universi-

dade. Ele deu muito de si e esperava muito da juventude. Chamava os jovens a seu escritório e conversava sobre o propósito da educação e as metas da Igreja. Fazia também uma promessa a eles: “Você quer muito concluir seu curso, não é? Eu lhe prometo uma coisa: Se estudar arduamente durante a semana, viver os princípios do evangelho e cumprir seus deveres aos domingos, prometo-lhe que se formará na universidade. E o mais importante de tudo: prometo-lhe que será uma pessoa melhor e mais feliz do que se não freqüentasse a Igreja.” Muitos estudantes prestaram testemunho com humildade e gratidão, confirmando que a promessa do Presidente Tanner fora completa e literalmente cumprida.

O Élder John H. Groberg escreveu uma carta comovente aos filhos, mostrando santidade e amor paternal, na qual dizia: “Espero que todos sejamos mais gratos pelo que temos e estejamos dispostos a compartilhar ainda mais com os outros. Há tantas pessoas carentes—carentes especialmente das verdades do evangelho que, quando vividas, trazem primeiro luz, depois amor, esperança, ação e, finalmente, o cumprimento de nossos maiores sonhos e ainda mais.”

Vários anos atrás, numa reunião de liderança do sacerdócio da região Zurique-Munique, testemunhei a aplicação do conselho que o Élder Groberg deu aos filhos na carta que lhes enviou. O representante regional, hoje presidente do templo, Johann Wondra, dirigiu-se à congregação e convidou o irmão Kuno Müller, que estava sentado perto da entrada do edifício, a ficar de pé. Em seguida, o irmão Wondra disse à congregação: “Este é o missionário que nos trouxe o evangelho e tudo o que ele significa para mim e minha esposa. Sem ele, onde eu estaria?” Voltou-se, então, para o irmão Müller, como se ele fosse a única pessoa presente no local, e disse: “Irmão Müller, eu o amo. Minha família e eu pensamos em você todos os dias.” Ambos choravam. Na verdade, todos nós, comovidos, tínhamos os olhos marejados de lágrimas.

Quinto:—este caminho é compreensível—*obediência a todos os mandamentos de Deus*. “Aquele que tem os

meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele.”¹³ Não há necessidade de caminharmos sozinhos. Podemos ter ajuda divina. “O reconhecimento da existência de um poder maior que o homem de forma alguma o degrada. Se em sua fé ele reconhecer um benefício e um elevado propósito no poder que lhe é superior, ele terá a visão de um destino mais elevado e atributos mais nobres para a sua espécie, sendo estimulado e encorajado na luta da existência (. . .) Ele deve procurar—acreditando, orando e tendo esperança de que encontrará. Nenhum esforço sincero e honesto ficará sem resposta—é nisso que se constitui o princípio da fé.”¹⁴ Assim ensinou o Presidente Stephen L. Richards.

Na maravilhosa peça *The King and I* (O Rei e Eu), a seguinte frase serve de incentivo em nossa busca. O rei de Sião estava morrendo e o filho de Ana perguntou: “Ele foi tão bom (. . .) quanto poderia ter sido?”

Ana respondeu: “Não acredito que homem algum tenha sido tão bom (. . .) quanto poderia ter sido—mas este tentou.”¹⁵

Reporto-me às palavras do Profeta Joseph Smith: “A felicidade é o objetivo e o propósito de nossa existência; e também será o fim, caso sigamos o caminho que nos leva até ela; e esse rumo é a virtude, retidão, fidelidade, santidade e obediência a todos os mandamentos de Deus”. Trilhemos esses passos claramente definidos. Para ajudar-nos nessa meta, sigamos esta breve admoestação: “Escolha o certo.”

Joe seguiu esse conselho. Deram-lhe a incumbência de levantar-se às 6h da manhã e levar uma criança deficiente até um hospital a 80 quilômetros de distância. Ele não queria fazer isso, mas não soube como dizer não. Uma mulher levou a criança até o carro e colocou-a ao lado do banco do motorista, murmurando agradecimentos entre lágrimas. Joe disse que estava tudo bem e partiu rapidamente. Depois de dirigir cerca de um quilômetro, a criança perguntou timidamente: “Você é Deus, não é?”

“Creio que não”, retrucou Joe.

“Pensei que você devia ser Deus”, disse o menino. “Ouvi minha mãe orar ao lado da minha cama e pedir a Deus que me ajudasse a ir ao hospital para que eu ficasse bom e pudesse brincar com as outras crianças. Você trabalha para Deus?”

“Às vezes, eu acho”, respondeu Joe, “mas não regularmente. Acho que vou começar a trabalhar muito mais para Ele agora.”

Irmãos e irmãs, e quanto a nós? Trabalharemos mais para Deus? Oro humilde e sinceramente que sim”. □

NOTAS

1. *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 249.
2. D&C 59:23.
3. I Coríntios 10:13.
4. Jó 19:25.
5. Ver Karl Menninger, *Whatever Became of Sin* (O Que Aconteceu com o Pecado?) (Nova York: Hawthorn Books, Inc., 1973).
6. Ver *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*/Lewis Carrol, tradução e organização de Sebastião Uchoa Leite, 3.ed. (São Paulo: Summus, 1980.)
7. Conference Report, setembro/outubro de 1966, pp. 98–99.
8. *Favorite Quotations from the Collection of Thomas S. Monson*, (Salt Lake City: Deseret Book Company, 1985), p. 157.
9. Eclesiastes 9:11.
10. 1 Néfi 13:37.
11. I Coríntios 9:24.
12. *Hinos*, 1991, número 42.
13. João 14:21.
14. Conference Report, outubro de 1937, pp. 35, 38.
15. Richard Rodgers e Oscar Hammerstein II, *The King and I* (O Rei e Eu) (Williamson Music, Inc., 1951).

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. A felicidade é a razão da nossa existência.
2. O caminho que leva à felicidade é:
 - virtude;
 - retidão;
 - fidelidade;
 - santidade;
 - obediência a todos os mandamentos de Deus.



DEUS ME CONHECE

Kazuko Tamaki

Sempre acreditei que os chamados da Igreja vinham do Pai Celestial e nos ajudavam a progredir espiritualmente, mas não tive realmente um testemunho disso até passar por uma experiência muito marcante, há alguns anos.

Passé um ano em Utah, durante o primeiro grau, como estudante de intercâmbio cultural. Depois de voltar ao Japão, recebi meu primeiro chamado na Igreja: Presidente da classe das Meninas Moças da AMM. Escrevi uma carta à família que me hospedou em Utah, contando sobre meu chamado.

Poucas semanas depois, recebi uma carta de meu “pai” adotivo. Ele escreveu:

“Não lhe contei na ocasião, mas um mês antes de você partir, o bispo veio dizer-me: ‘Quero chamar Kazuko para o cargo de presidente das Meninas Moças da AMM. Quanto tempo ela ainda vai ficar aqui?’

Disse-lhe que você partiria no mês seguinte. Por isso, você não foi chamada.”

Fiquei impressionada por ter recebido, ao voltar para o Japão, o mesmo cargo para o qual o bispo de Utah tinha sido inspirado a chamar-me. Compreendi que Deus me conhecia, não importando onde eu estivesse. Creio que Ele sabia que eu precisava daquele chamado em particular para crescer.

Recebi vários outros chamados depois desse. Fico maravilhada ao recordar que cada um deles foi, de certa forma, necessário ao período de minha vida pelo qual estava passando, para que eu fortalecesse determinados pontos fracos que tenho.

Aprendi que devo aceitar todo chamado que receber, mesmo parecendo difícil. Sei que os chamados vêm do Pai Celestial e que Ele me conhece. □





ALICE SPRINGS

Richard M. Romney
FOTOGRAFIA DO AUTOR

Alice Springs é mais do que um ponto de passagem para quem se dirige ao sertão australiano. É o lar de adolescentes SUD que unem forças para enfrentar os desafios da vida.

Os turistas que passam por Alice Springs, na Austrália, geralmente estão a caminho do sertão australiano—aquela terra violenta e maravilhosa de rochas vermelhas, que incorpora o espírito do continente.

Para os adolescentes que almoram, no entanto, Alice é mais do que um ponto de passagem. É seu lar—um vilarejo sossegado, onde todos se conhecem e no qual os jovens SUD se destacam pelas coisas que fazem. Por exemplo:

CTR

Muitas das crianças SUD de Alice freqüentam a escola Saint Philip, uma escola particular dirigida

por outra igreja. A Saint Philip segue um rígido padrão de vestimenta. Existem até mesmo regras a respeito de adornos e jóias. Somente é permitido um par de brincos, e os braceletes e anéis são proibidos.

A proibição dos anéis tornou-se um problema para as crianças mórmons. Como muitos santos dos últimos dias em todo o mundo, elas gostam de usar o anel CTR. As crianças, porém, foram proibidas de usá-lo, apesar de ter havido precedentes para jóias com “significado religioso”.

“Expliquei por que ele era importante para mim”, conta Lavinia Archibald, de 16 anos, “mas uma de minhas professoras insistiu que eu deveria tirar o anel; se não o fizesse, ele seria confiscado.”



Os alunos SUD e seus pais conversaram com o diretor, que tinha conhecimento de que os jovens SUD estavam entre seus melhores alunos. O diretor conversou com o corpo docente, explicando que CTR significava “conserva tua rota”, e deu permissão para que os santos dos últimos dias continuassem usando o anel.

EXCELÊNCIA NAS AULAS

Esse, porém, não é o único motivo pelo qual os jovens SUD se destacam dos demais. Nas aulas de religião (que são obrigatórias nas escolas australianas), os mórmons sempre se oferecem para fazer a oração e sempre conhecem o assunto da aula.

“O diretor e meu pai são amigos”, explica Yasmin Webster, de 12 anos. “Ele veio falar com meu pai, certa vez, e disse: ‘O que vou fazer com minhas aulas de religião? Seus jovens mórmons

sabem tanto quanto os professores!’”

“Estávamos estudando o Novo Testamento no seminário diário e também na aula de religião da escola”, conta Steven Yeckley, de 15 anos. “Conhecíamos todas as histórias. Sabíamos todas as respostas. Um dos professores até me convidou para contar a história de Saulo à classe.”

FIRME UNIÃO

Além disso, os santos dos últimos dias são unidos. “Na escola, alguns jovens dizem: ‘Se você for amiga dela, não sou mais sua amiga’”, conta

Melanie Webster, de 16 anos. “Ou então: ‘Você não pode conversar com ele; não é um cara legal’. Mas os jovens mórmons são leais uns aos outros. Nunca se envergonham de seus amigos mórmons.”

“Muitos membros da Igreja que passam por Alice dizem que a juventude daqui é a mais unida que já viram”, diz outra filha da família Webster, Sherri, de 13 anos.

“Meu pai sempre diz que nunca devemos esquecer que somos mórmons, e agir e vestir-nos de modo apropriado, dando um bom exemplo”, diz Yasmin.

Os rapazes da família Marriott contam uma história semelhante. Jason, de 14 anos, e seu irmão, Simon, de 15, são praticamente inseparáveis. São muito parecidos entre si, como se fossem gêmeos, e têm uma história familiar na Igreja que se estende por três gerações. A avó foi uma das primeiras pessoas a filiar-se à Igreja em Alice Springs. O pai foi presidente do ramo por muitos anos.





Os jovens SUD de Alice Springs são conhecidos por sua união— seja recebendo a permissão de usar o anel CTR na escola (acima), passando um dia no sertão (direita), ou assistindo às reuniões da Igreja no melhor traje domingueiro (esquerda).



“Não nos desculpamos por nossas crenças”, diz Jason.

“Mesmo que fôssemos os únicos membros da Igreja aqui, ainda assim viveríamos o evangelho”, acrescenta Simon, “porque sabemos que ele é verdadeiro.”

“AS LUZES VOLTARAM”

Não é apenas no relacionamento com as pessoas que o evangelho ajuda os jovens de Alice Springs. Para Ivan Munn, de 18 anos, o evangelho trouxe a certeza de que poderia pedir ajuda ao Senhor.

“Aprendi algumas coisas do modo mais difícil”, diz Ivan. “Afastei-me da Igreja, mas hoje estou de volta. Parei de fazer coisas erradas e agora esforço-me para demonstrar meu amor pelo Senhor. O arrependimento é penoso, mas vale a pena.”

Ivan diz que os amigos da Igreja o ajudaram bastante. “Os jovens, os missionários, os líderes daqui— todos me ajudaram a ver o que era mais importante”, diz ele. “Mas é a fé no Salvador e no Pai Celestial que nos faz perseverar. O Livro de Mórmon narra a parábola do servo e do amo que trabalhavam na vinha. (Ver Jacó 5.) Diz que os frutos maus

devem ser arrancados para que os frutos bons possam crescer. Acho que isso representa minha vida. Com a ajuda do Senhor, arranquei os frutos maus. Creio que os bons frutos estão começando a aparecer.”

Ivan relata com grande convicção uma experiência que teve aos 11 anos de idade. “Acabara de filiar-me à Igreja. Estávamos na capela, quando todas as luzes se apagaram. Alguém sussurrou para mim: ‘Por que você não faz uma oração, Ivan?’ Ajoelhei-me e disse: ‘Pai Celestial, por favor, faça com que as luzes voltem para que possamos continuar.’ E as luzes voltaram.

As crianças têm uma fé inacreditável. Estou agora procurando obter aquela mesma fé que possuía quando criança. Andei na escuridão, mas orei e acreditei, e as luzes voltaram.”

O TERRITÓRIO MARAVILHOSO DO EVANGELHO

Alice Springs pode ser o portal do sertão australiano, mas para o ramo SUD ali estabelecido, é o portal do evangelho, que é um território ainda mais excitante e maravilhoso do que qualquer paisagem da Terra! □



ATRAÇÃO POR PESSOAS DO MESMO SEXO

Deus criou-nos como homem e mulher. O que chamamos de sexo masculino ou feminino é uma característica essencial de nossa existência, desde antes do nascimento.

Élder Dallin H. Oaks

do Quórum dos Doze Apóstolos

Todo santo dos últimos dias sabe que Deus proíbe qualquer relação sexual fora dos laços do matrimônio. A maioria também conhece o ensinamento do Salvador de que aquele que atentar numa mulher para cobiçá-la já está pecando. (Ver Mateus 5:28; D&C 42:23; 63:16.)

O Criador fez com que o homem e a mulher sentissem atração um pelo outro, a fim de garantir a perpetuação da vida mortal e unir o marido e a mulher no ambiente familiar por Ele ordenado para o cumprimento de Seus propósitos, que incluem a criação dos filhos. Quebrar os mandamentos de Deus concernentes ao poder de procriação é um pecado grave. O Presidente Joseph F. Smith ensinou:

“A união sexual é legal dentro dos laços do matrimônio e, se realizada com boa intenção, é nobre e santificada. Mas, sem os laços do matrimônio, a indulgência sexual é um pecado degradante, abominável à vista da Deidade.”¹

Alguns santos dos últimos dias estão às voltas com o sofrimento e a confusão decorrentes do relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo, ou de sentimentos eróticos que conduzem a esse tipo de comportamento. Como devem agir os líderes da Igreja, pais e demais membros da Igreja ao defrontarem os problemas religiosos,

O Criador fez com que o homem e a mulher sentissem atração um pelo outro, a fim de garantir a perpetuação da vida mortal e unir o marido e a mulher no ambiente familiar por Ele ordenado para o cumprimento de Seus propósitos, que incluem a criação dos filhos.



ADÃO E EVA AJELHADOS JUNTO AO ALTAR, DE DEL PARSON



Élder Dallin H. Oaks

emocionais e familiares que acompanham esse tipo de comportamento ou sentimentos? O que dizer a um jovem que confessa sentir atração ou ter pensamentos e sentimentos eróticos por pessoas do mesmo sexo? Como responder a uma pessoa que declara ser homossexual ou lésbica e afirma existirem evidências científicas “provando” ter nascido assim? Como reagir à acusação de sermos intolerantes e cruéis, feitas por pessoas que não compartilham de nossas crenças, ao insistirmos que os sentimentos eróticos por pessoas do mesmo sexo são anormais e que qualquer comportamento sexual dessa natureza é pecaminoso?

DOCTRINAS DO EVANGELHO

Nossa atitude com relação a essas questões é ditada por doutrinas do evangelho que sabemos ser verdadeiras.

1. Deus criou-nos como “homem e mulher” (macho e fêmea) (D&C 20:18; Moisés 2:27; Gênesis 1:27). O que chamamos de sexo (masculino ou feminino) é uma característica essencial de nossa existência, desde antes do nascimento.²

2. O propósito da vida mortal e a missão de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias consistem em preparar os filhos e filhas de Deus para seu destino de tornarem-se semelhantes a seus Pais Celestiais.

3. Nosso destino eterno, a exaltação no reino celestial, somente se tornou possível graças à expiação de Jesus Cristo [por meio da qual nos tornamos e permaneceremos “inocentes diante de Deus” (D&C 93:38)] e apenas será alcançado pelo homem e a mulher que realizarem o convênio do casamento eterno, num tempo de Deus, e permanecerem fiéis a esse convênio. (Ver D&C 131:1-4; 132.)

4. Por intermédio do plano misericordioso de nosso Pai Celestial, todos os que desejarem fazer o que é certo, mas, por motivo alheio a sua vontade, não puderem realizar o convênio do casamento eterno na vida mortal, terão a oportunidade de qualificar-se para a vida eterna em época posterior à mortalidade, se guardarem os mandamentos de Deus e forem fiéis aos convênios batismais e a todos os outros convênios.³

5. Além do efeito purificador da Expição, Deus concedeu-nos o livre-arbítrio, que é o poder de escolher entre o bem (o caminho da vida) e o mal [o caminho da morte espiritual e da destruição (Ver 2 Néfi 2:27; Moisés 4:3)]. Apesar de certas condições da mortalidade restringirem nossa liberdade (como, por exemplo, limitações de mobilidade ou a impossibilidade de modificarmos certas situações), nenhum poder mortal ou espiritual poderá privar-nos de nosso livre-arbítrio, depois que alcançarmos a idade da razão ou a capacidade de responder por nossas ações. (Ver Morôni 8:5-12; D&C 68:27; 101:78.)

6. Um dos propósitos essenciais da vida mortal é sermos submetidos ao teste da oposição, a fim de mostrar que cumpriremos os mandamentos de Deus. (Ver 2 Néfi 2:11; Abraão 3:25-26.) Para haver oposição, foi permitido que Satanás e seus seguidores nos tentassem a fazer mau uso de nosso livre-arbítrio e liberdade, instigando-nos a escolher o mal e a cometer pecados.

7. Satanás deseja que “todos os homens [se tornem] tão miseráveis quanto ele próprio” (2 Néfi 2:27), por isso esforça-se ao máximo para incentivar decisões e ações que frustrem o plano de Deus para Seus filhos. Satanás procura desacreditar o princípio da responsabilidade individual, incita-nos a fazer mau uso do sagrado poder de procriação, desencoraja homens e mulheres dignos a



ILUSTRADO POR DEL PARSON

Devemos amar e ajudar as pessoas enfermas, mesmo aquelas que foram infectadas pelo HIV ou que estão com AIDS (as quais podem ter ou não contraído a doença por meio de relação sexual). Devemos incentivar essas pessoas a participarem das atividades da Igreja.

casarem-se e gerarem filhos e procura confundir o conceito de homem e mulher.

8. Desse modo, o diabo, que não tem corpo, procura instigar os mortais a corromperem o corpo que possuem e “[escolherem] a morte eterna, conforme a vontade da carne (. . .), que dá ao espírito do diabo poder para escravizar, para [levá-los] ao inferno, a fim de reinar sobre [eles] em seu próprio reino.” (2 Néfi 2:29)

9. A Primeira Presidência declarou que “existe uma diferença entre [1] pensamentos e sentimentos imorais e [2] participação em conduta homossexual ou homossexual imoral.”⁴ Apesar de os pensamentos impróprios serem menos graves que a conduta imoral, esses pensamentos também precisam ser combatidos e exigem arrependimento, pois sabemos que “nossos pensamentos também nos condenarão”. (Alma 12:14) Pensamentos imorais (e os sentimentos menos graves que nos levam a ter esses pensamentos) podem induzir-nos a um comportamento pecaminoso.

10. Por causa do grande amor que Deus tem por Seus filhos, mesmo o pior dos pecadores (ou a maioria deles)

será recompensado com um reino de glória, no final.⁵ As pessoas que viveram dignamente e cumpriram a maior parte das ordenanças de salvação, mas não se qualificaram para a exaltação por meio do casamento eterno, serão salvas num dos níveis inferiores do reino celestial, no qual não haverá crescimento eterno. (Ver D&C 131:1–4.)

11. Apesar de todos os desafios e decisões da vida mortal, temos a obrigação de cumprir o mandamento que o Salvador nos deu de “amar uns aos outros”. (João 15:12,17) Conforme declarou a Primeira Presidência, em recente mensagem:

“Fomos instados a ser mais bondosos uns para com os outros, mais gentis e capazes de perdoar. Não devemos nos irar com facilidade e precisamos estar mais dispostos a ajudar. Espera-se que estendamos a mão da amizade e resistamos ao desejo de vingança. Devemos ser verdadeiros discípulos de Cristo, amar-nos uns aos outros com amor genuíno, pois foi assim que Cristo nos amou.”⁶

Bondade, compaixão e amor são instrumentos vigorosos, que nos dão forças para carregar os pesados

fardos que nos foram impostos e fazer o que sabemos ser correto.

APLICAÇÃO DAS DOUTRINAS E RESPONSABILIDADES

Nossa resposta às perguntas levantadas no início deste artigo baseiam-se nessas doutrinas, mandamentos e responsabilidades.

A doutrina de nossa religião obviamente condena os que participam de agressões verbais ou físicas a pessoas supostamente envolvidas em comportamento homossexual ou lésbico.

Devemos amar e ajudar as pessoas enfermas, mesmo aquelas que foram infectadas pelo HIV ou que estão com AIDS (as quais podem ter ou não contraído a doença por meio de relação sexual). Devemos incentivar essas pessoas a participarem das atividades da Igreja.

Usando a distinção feita pela Primeira Presidência quanto ao relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, devemos diferenciar (1) os “sentimentos e pensamentos” homossexuais ou lésbicos (que precisam ser coibidos e reorientados) da (2) “conduta homossexual” (que é um pecado grave).

Devemos lembrar-nos de que as palavras *homossexual*, *lésbico* e *gay* são adjetivos que descrevem pensamentos, sentimentos e comportamento específicos. Não devemos utilizar essas palavras como substantivos que designam uma condição ou pessoa em particular. Nossa doutrina religiosa assim determina. É errado usarmos essas palavras para designar uma condição, porque isso implica um modo de ser imposto à pessoa, por ocasião de seu nascimento, que a priva de qualquer escolha com relação à questão vital da conduta sexual.

Os sentimentos são uma questão à parte. Alguns sentimentos são inatos. Outros decorrem de experiências da mortalidade. Existem também aqueles que resultam de uma interação complexa entre “natureza e criação”. Todos temos sentimentos que não escolhemos ter, mas o evangelho de Jesus Cristo ensina que possuímos a capacidade

de vencer esses sentimentos e mudá-los, quando necessário, para que não nos induzam a um comportamento pecaminoso ou a pensamentos impróprios.

As pessoas não são iguais: Temos características físicas distintas e diferente suscetibilidade com relação às pressões do meio em que vivemos na infância e na vida adulta. Não escolhemos essa suscetibilidade pessoal, mas podemos decidir a atitude, as prioridades, o comportamento e o “estilo de vida” dela decorrentes, sendo nós responsáveis por tais escolhas.

Para entendermos nossa postura doutrinária quanto a esse assunto, é essencial que compreendamos a diferença entre liberdade e livre-arbítrio. A liberdade pode ser limitada por várias condições da mortalidade, mas o dom divino do livre-arbítrio não pode ser limitado por forças externas, pois dele depende nossa responsabilidade perante Deus. Podemos ilustrar a diferença entre liberdade e livre-arbítrio imaginando uma progressão que se inicia no sentimento, passa pelo pensamento, transforma-se em comportamento e termina na dependência. Podemos observar essa progressão em várias questões, como no jogo, no alcoolismo e no tabagismo.

Assim como diferem em sentimentos, certas pessoas aparentam ser extremamente suscetíveis a determinadas ações, reações ou dependências. É possível que essa suscetibilidade seja inata ou adquirida sem qualquer culpa ou opção pessoal, tal como a aflição que o Apóstolo Paulo chamou de “um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de não me exaltar.” (II Coríntios 12:7) Determinada pessoa pode, por exemplo, ter sentimentos que a predisponham ao jogo, mas em vez de fazê-lo esporadicamente, passa a apostar de modo compulsivo. Outra pessoa pode sentir prazer em fumar, tendo a propensão de viciar-se no cigarro. Outra pode sentir uma atração incomum por bebidas alcoólicas, sendo facilmente induzida ao alcoolismo. Outros exemplos podem incluir um temperamento violento, um caráter briguento, uma atitude invejosa, etc.

Em cada caso (e em outros exemplos semelhantes), os

sentimentos e outras características que propiciam determinado tipo de comportamento podem estar, de alguma forma, ligados à hereditariedade. Essa ligação, contudo, é provavelmente bastante complexa. O fator herdado pode tratar-se apenas de uma tendência maior a desenvolver certos sentimentos, caso a pessoa venha a encontrar determinadas influências durante os anos de formação. Independentemente de nossas diferentes suscetibilidades ou vulnerabilidades, que representam apenas variações de nossa liberdade mortal [na mortalidade, “somos livres (apenas) segundo a carne” (2 Néfi 2:27)], continuamos responsáveis pelo exercício de nosso livre-arbítrio nos pensamentos e na conduta que escolhemos. Mencionei essa diferença em um discurso na Universidade Brigham Young, há vários anos:

“A maioria de nós nasce com (ou desenvolve) ‘espinhos na carne’; alguns mais visíveis ou mais graves que outros. Aparentemente todos temos alguma tendência a desenvolver este ou aquele distúrbio; mas sejam quais forem nossas suscetibilidades, temos o desejo e o poder de controlar nossos pensamentos e ações. É assim que deve ser. Deus declarou considerar-nos responsáveis pelo que fazemos e pensamos; conseqüentemente, nossos pensamentos e ações devem ser controlados por nosso livre-arbítrio. Ao alcançarmos a idade da razão ou a capacidade de responder por nossas ações, a alegação de que ‘nascemos assim’ não justifica atos ou pensamentos não condizentes com os mandamentos de Deus. Precisamos aprender a viver de modo a não sermos impedidos de alcançar nosso destino eterno por causa de uma fraqueza mortal.

Deus prometeu que consagraria nossas aflições para nosso benefício. (Ver 2 Néfi 2:2.) Os esforços despendidos no combate a qualquer fraqueza herdada (ou desenvolvida) edificam um vigor espiritual que nos acompanhará por toda a eternidade. Por esse motivo, quando Paulo orou três vezes para que seu ‘espinho na carne’ fosse retirado, o Senhor respondeu: ‘A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza.’ Obedientemente, Paulo declarou:



ILUSTRADO POR DEL PARECON

Existem muitas coisas que desconhecemos a respeito da extensão de nossa liberdade, tendo em vista os diversos espinhos na carne que nos afligem na mortalidade. Sabemos, porém, o seguinte: Todos temos o livre-arbítrio, e Deus considera-nos responsáveis pelo modo como o utilizamos em pensamento e ações. Isso é algo fundamental.

‘De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo.

Por isso, sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte.’ (II Coríntios 12:9–10)

Sejam quais forem nossas suscetibilidades ou tendências [sentimentos], elas não nos podem sujeitar a conseqüências eternas, a menos que exerçamos nosso livre-arbítrio para fazer ou imaginar coisas proibidas pelos mandamentos de Deus. Por exemplo: Uma pessoa com tendência ao alcoolismo não dispõe da liberdade de tomar bebidas alcoólicas sem que se torne dependente, mas seu livre-arbítrio permite-lhe abster-se, escapando assim da debilitação física causada pelo álcool e da deterioração espiritual causada pelo vício.

(. . .) Tomem cuidado com o argumento de que a

pessoa com forte propensão a cometer determinado ato não possui capacidade de escolha, não podendo, portanto, ser responsabilizada por suas ações. Essa alegação contraria as mais fundamentais premissas do evangelho de Jesus Cristo.

Satanás deseja fazer-nos acreditar que não somos responsáveis por nossos atos nesta vida. Esse era o resultado por ele almejado ao lançar seu desafio na preexistência. Aquele que insiste em declarar que não é responsável pelo exercício de seu livre-arbítrio, por ter “nascido assim”, ignora o resultado da guerra nos céus. Somos responsáveis, mas quando insistimos no contrário, nossos esforços tornam-se parte do trabalho de propaganda do adversário.

A responsabilidade individual é a lei da vida. Aplica-se tanto à lei dos homens quanto à lei de Deus. A sociedade considera-nos responsáveis pelo controle de nossos impulsos a fim de podermos viver numa sociedade civilizada. Deus considera Seus filhos responsáveis pelo controle dos próprios impulsos, para poderem guardar os mandamentos e alcançar seu destino eterno. A lei não inocenta o indivíduo com pouca paciência, que cede ao impulso de dar um tiro naquele que o atormenta, nem o ganancioso que cede ao impulso de roubar, nem o pedófilo que cede ao impulso de satisfazer seu desejo sexual por crianças. (. . .)

Existem muitas coisas que desconhecemos a respeito da extensão de nossa liberdade, tendo em vista os diversos espinhos na carne que nos afligem na mortalidade. Sabemos, porém, o seguinte: *Todos* temos o livre-arbítrio, e Deus considera-nos responsáveis pelo modo como o utilizamos em pensamento e ações. Isso é algo fundamental.”⁷

AS DESCOBERTAS DA CIÊNCIA

Em oposição a nossa abordagem doutrinária, muitas pessoas encaram o problema da atração entre pessoas do mesmo sexo apenas do ponto de vista científico atual. Mesmo não sendo qualificado como cientista, com a ajuda de publicações científicas e do conselho de cientis-

tas e especialistas qualificados, tentarei refutar a alegação de que algumas descobertas científicas comprovam que homossexuais e lésbicas assumidos já nasceram “assim”.

Vivemos numa época de crescentes descobertas científicas a respeito do corpo humano. Sabemos que a hereditariedade explica muitas de nossas características físicas. Por outro lado, também sabemos que nosso comportamento é profundamente influenciado por fatores psicossociais, tais como o relacionamento com nossos pais e irmãos (especialmente durante os anos de desenvolvimento) e o meio cultural em que vivemos. Debate-se já há séculos se determinados comportamentos específicos podem ser atribuídos à “natureza” ou à “criação”. A questão dos sentimentos e do comportamento sexual entre pessoas do mesmo sexo é apenas um dos aspectos de um tema extremamente complexo, no qual a ciência ainda está engatinhando.

Alguns cientistas negam que o comportamento seja geneticamente determinado.⁸ Outros defendem evidências e teorias sugerindo “existirem provas patentes de que a genética influi na orientação sexual.”⁹

Sabemos haver evidências de que a hereditariedade explica a suscetibilidade a certos tipos de câncer e outras doenças, como o diabetes mellitus. Existem também teorias e algumas evidências de que a hereditariedade seria parcialmente responsável pela tendência a diversos distúrbios de comportamento, como a agressividade, o alcoolismo e a obesidade. Não nos seria difícil levantar a hipótese de que a hereditariedade também teria papel significativo na orientação sexual. É importante, contudo, lembrarmos a seguinte declaração dos próprios defensores dessa teoria: “O conceito de hereditariedade comprovada não deve ser confundido com o conceito de determinismo genético. (. . .) A maioria dos processos provavelmente envolve uma interação entre predisposições orgânicas e condições ambientais.”¹⁰

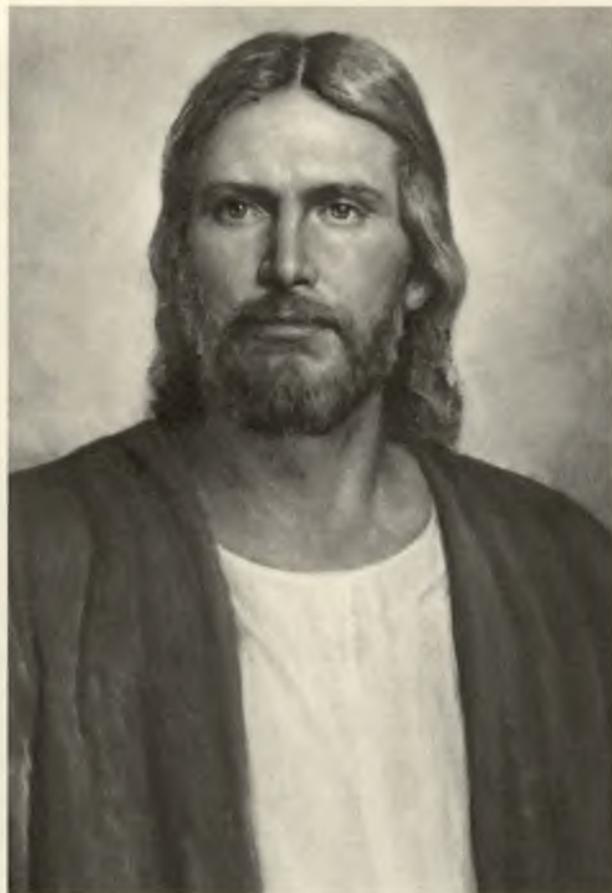
A maioria dos cientistas, seja qual for sua postura no espectro que vai da aceitação plena à rejeição total do determinismo biológico, na questão da orientação sexual, admite que as evidências atuais ainda são insufi-

cientes e que as conclusões definitivas devem aguardar novos estudos científicos.

Um estudo envolvendo 56 gêmeos idênticos do sexo masculino, no qual um dos irmãos se declarava “gay”, relatou que, em 52 por cento dos casos, o outro gêmeo declarava o mesmo.¹¹ Um estudo parecido feito com gêmeas idênticas mostrou uma proporção semelhante de irmãs que se classificavam como “gays” (34 de 71 pares, 48 por cento).¹² Se esses estudos demonstraram existir alguma influência hereditária nos fatores, sejam quais forem, que levam uma pessoa a declarar-se homossexual ou lésbica, é evidente que essa influência não é determinante. Nas palavras de um preeminente cientista: “Mesmo o gêmeo idêntico de um indivíduo homossexual tem mais de 50 por cento de probabilidade de tornar-se heterossexual — mesmo que tenha exatamente os mesmo genes e tenha sido criado pelos mesmos pais.”¹³ É importante notar que esses estudos (e outros mencionados abaixo) baseiam-se na classificação que as pessoas dão a si mesmas, o que acrescenta um fator de imprecisão nas conclusões científicas, pois “ainda não existe uma definição universalmente aceita de homossexualismo entre os clínicos e cientistas que estudam o comportamento humano — tampouco existe consenso a respeito de suas origens”.¹⁴

Sempre que se abre um novo campo de estudos, qualquer evidência nova é sempre bem recebida. Em julho de 1993, o Dr. Dean Hamer ganhou as manchetes dos jornais ao anunciar ter encontrado uma “correlação estatisticamente significativa entre a herança do marcador genético [uma faixa identificável de DNA] da região cromossômica Xq28 e a orientação sexual (. . .) em um grupo de homens homossexuais e seus parentes com mais de 18 anos.” Em outras palavras, “aparentemente o Xq28 contém um gen que influi na orientação sexual dos seres humanos do sexo masculino.”¹⁵ Dando a mais positiva das interpretações a sua descoberta, o segundo livro do Dr. Hamer conclui:

“Podemos apenas fazer suposições reservadas acerca da importância do Xq28 na população geral. Na melhor



O SENHOR JESUS CRISTO, DE DEL PARSON

O primeiro princípio do evangelho é a fé no Senhor Jesus Cristo, a qual nos concede luz e força para vencermos os obstáculos da mortalidade e usarmos o livre-arbítrio que Deus nos deu, escolhendo o tipo de comportamento que nos conduzirá a nosso destino eterno.

das hipóteses, essa região não influenciaria mais do que 67 por cento dos homossexuais masculinos, que foi a porcentagem ‘vinculada’ a essa região em nosso grupo altamente seletivo de gêmeos homossexuais. No outro extremo, na hipótese de o homossexualismo ser predominantemente causado por fatores ambientais ou pela interação de um grande número de genes, o Xq28 somente responderia por uma porcentagem muito pequena dessa variação na orientação sexual dos seres humanos do sexo masculino. Em média, tomando como base os nossos dados e outros estudos realizados com gêmeos e familiares, o Xq28 tem aparentemente alguma influência em cerca de 5 a 30 por cento dos homens homossexuais. A ampla faixa de variação dessas estimativas demonstra que ainda resta muito trabalho a ser feito.”¹⁶

A declaração de que “o Xq28 tem aparentemente alguma influência em cerca de 5 a 30 por cento” dos que se declaram “gays” certamente está longe de justificar a

alegação de que a ciência provou que o “homossexualismo” é “causado por” herança genética. Um importante cientista identificou duas imprecisões:

“A evidência existente até o momento de fatores biológicos inatos que determinariam o homossexualismo apresenta falhas. (. . .) A conclusão das pesquisas genéticas que visavam demonstrar a hereditariedade do homossexualismo não esclareceu quais seriam os fatores herdados nem como estes influenciariam a orientação sexual.”¹⁷

Em sua excelente reavaliação das teorias biológicas sobre a orientação sexual humana, os Drs. Byne e Parsons, do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Colúmbia, forneceram as importantes advertências e explicações que se seguem:

“É imperativo que os clínicos e cientistas que estudam o comportamento humano dêem-se conta da complexidade dos fatores que influenciam a orientação sexual e moderem sua ansiedade em procurar explicações simplistas, quer psicossociais quer biológicas.

A maioria das teorias a respeito das causas da orientação sexual visivelmente omitem o papel ativo exercido pela própria pessoa na formação de sua identidade. (. . .) Queremos propor um modelo interativo, no qual os genes e hormônios não determinariam a orientação sexual por si mesmos, mas favoreceriam certos traços de personalidade, influenciando assim o modo como a pessoa interagiria com o meio ambiente durante o desenvolvimento da orientação sexual e outras características de sua personalidade.”¹⁸

Essa declaração, que é apenas mais uma das sugestões propostas pelos cientistas, é particularmente convincente, pois leva em conta o elemento vital da opção individual, que sabemos ser um princípio verdadeiro de nossa condição mortal.

A RESPONSABILIDADE DE OFICIAIS E MEMBROS DA IGREJA

Em sua carta de 14 de novembro de 1991, a respeito da importância da lei da castidade, a Primeira

Presidência declarou: “As relações sexuais são corretas apenas entre marido e mulher, adequadamente expressas dentro dos laços do matrimônio. Qualquer outro contato sexual, incluindo fornicação, adultério e comportamento homossexual masculino ou feminino é pecaminoso.”

Em conformidade com essa orientação, os oficiais da Igreja têm a responsabilidade de chamar os transgressores ao arrependimento, lembrando-lhes os princípios ensinados pelo profeta Samuel aos nefitas iníquos: “(. . .) Durante todos os dias de vossa vida buscastes aquilo que não podíeis obter; e buscastes felicidade na iniquidade, o que é contrário à natureza daquela retidão que há em nosso grande e Eterno Cabeça.” (Helamã 13:38)

As pessoas que persistirem em cometer pecados graves não poderão continuar sendo membros da Igreja. Estarão também sujeitas a ações disciplinares aquelas que incentivarem outras pessoas a pecar. Não são aplicadas ações disciplinares da Igreja por pensamentos ou sentimentos impróprios (apesar de sermos aconselhados a dominá-los), mas existem conseqüências para a conduta indevida. No mesmo sermão em que ensinou que os homens não deveriam ser “expulsos”, o Salvador ordenou a Seus servos: “Não permitireis, sabendo-o, que alguém participe indignamente da minha carne e do meu sangue quando os administrardes; (. . .) portanto, se souberdes que um homem é indigno de comer e beber da minha carne e do meu sangue, vós lho proibireis.” (3 Néfi 18:28–30) O Salvador também ordenou: “Mas se ele não se arrepender, não será contado com o meu povo, a fim de não destruir meu povo (. . .)” (Versículo 31; Ver também Mosias 26:36; Alma 5:56–61.) Por isso, se os transgressores não aceitarem o chamado ao arrependimento, os pastores do rebanho da Igreja deverão aplicar as medidas disciplinares adequadas, em cumprimento das responsabilidades que Deus lhes confiou.

Por outro lado, devemos distinguir os atos pecaminosos dos sentimentos impróprios ou inclinações potencialmente perigosas. Precisamos ajudar com amor as pessoas



ILUSTRADO POR DEL PARSON

O propósito da vida mortal e a missão de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias consistem em preparar os filhos e filhas de Deus para seu destino de tornarem-se semelhantes a seus Pais Celestiais.

que estão lutando para resistir à tentação. A Primeira Presidência fez essa distinção em sua carta de 14 de novembro de 1991. Depois de reafirmar a natureza pecaminosa da “fornicação, adultério e comportamento homossexual masculino ou feminino”, a Primeira Presidência acrescentou:

“Pessoas e familiares que desejem auxílio nesses assuntos devem aconselhar-se com o bispo, presidente de ramo, presidente de estaca ou distrito. Encorajamos os líderes e os membros da Igreja a apoiarem com amor e compreensão os que se debatem com esses problemas. Muitos serão sensíveis ao amor cristão e ao conselho inspirado, ao serem convidados a voltar e aplicar o poder resgatador e sanador de Cristo. (Ver Isaías 53:4-5; Mosias 4:2-3.)”

De maneira semelhante, num discurso de conferência abordando o mesmo assunto, o Presidente Gordon B. Hinckley afirmou: “(. . .) Quero dizer agora enfaticamente que nossa preocupação com o amargo fruto do pecado é aliada à simpatia cristã por suas vítimas, inocentes ou culpadas. Advogamos o exemplo do Senhor, que condenava o pecado, mas amava o pecador.

Devemos estender a mão com bondade e consolo ao aflito, cuidando de suas necessidades e ajudando-o em seus problemas.”¹⁹

Apesar de todos esses convites e declarações de apoio, a Igreja e seus membros continuam incompreendidos quanto a nossa posição referente a esses assuntos. Em setembro passado, numa entrevista na televisão, um repórter perguntou a um de nossos oficiais da Igreja: “O que tem sido feito na Igreja para reverter o clima de hostilidade contra os homossexuais?” Há nove anos, durante entrevista na televisão sobre o mesmo tema, os repórteres perguntaram-me se a Igreja ensinava ou insinuava que “essas pessoas seriam uma espécie de párias (. . .) e que teriam ódio a si mesmas, sendo a Igreja responsável por essa atitude.”

Até mesmo recebemos perguntas dessa natureza de membros fiéis. Uma carta recente ilustra esse fato:

“Preocupa-nos também o modo como nossos filhos e filhas são classificados como pessoas que praticam atos obscenos e lascivos. Alguns talvez o façam, mas não a maioria deles. Esses jovens apenas querem viver, ter uma vida espiritual e permanecer próximos da Igreja e de

suas famílias. É especialmente danoso quando esses comentários negativos são feitos do púlpito. Acreditamos que discursos assim apenas aumentam a depressão e o tremendo peso da culpa, vergonha e baixa estima que eles já vêm carregando por toda a vida. Muitas vezes, sentem falta da expressão do puro amor de Cristo para ajudá-los a enfrentar suas provações. Agradecemos tudo o que puderem fazer para ajudar esses filhos incompreendidos do Pai Celestial. Se uma Autoridade Geral expressasse maior sensibilidade para com esse problema, isso certamente ajudaria a evitar os suicídios e dissensões que têm ocorrido nas famílias. Muitos simplesmente não conseguem tolerar o fato de serem condenados pelos membros da Igreja, que os julgam 'pessoas más', e passam a procurar consolo no estilo de vida homossexual."²⁰

Cartas como essa certamente demonstram que precisamos melhorar a comunicação com os irmãos e irmãs que estão enfrentando esse ou qualquer outro tipo de problemas. Todo membro da Igreja de Cristo tem a expressa responsabilidade doutrinária de amar, ajudar e compreender. Os pecadores e aqueles que lutam contra sentimentos impróprios não são pessoas que mereçam ser expulsas, mas, sim, que precisam ser amadas e ajudadas (3 Néfi 18:22-23, 30, 32). Por outro lado, os líderes e membros da Igreja não podem fugir à responsabilidade de ensinar os princípios corretos e a conduta digna (em todos os assuntos), mesmo que isso cause embaraços para alguns.

Pergunta-se muitas vezes aos líderes da Igreja se existe lugar na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias para pessoas com inclinações ou sentimentos homossexuais ou lésbicos. O grau de dificuldade e os passos necessários para abandonar-se determinado comportamento ou controlar os pensamentos diferem para cada pessoa, mas a mensagem de esperança e a mão de amizade oferecida pela Igreja é a mesma para todos os que se esforçam.

Procurei explicar essa importante diferença em minha resposta ao repórter da televisão que deu a entender que

a Igreja ensinava ou insinuava que "essas pessoas seriam uma espécie de párias":

"A pessoa que se esforça para resistir a essas inclinações, não se deve sentir um pária. As relações sexuais fora dos laços do matrimônio, contudo, são um assunto inteiramente diverso. Aquele que estiver envolvido nesse tipo de conduta, bem faz em sentir-se culpado e afastado de Deus, que proibiu esse tipo de comportamento. Não me surpreende que se sintam discriminados na igreja que freqüentam. Surpreende-me, porém, saber que pensem ter a Igreja poder para revogar os mandamentos de Deus. (. . .) Ao dirigir-se à mulher que foi surpreendida em adultério (um ótimo precedente para essa questão), (. . .) [o Salvador] foi misericordioso e amoroso (. . .), mas disse: '(. . .) Vai-te, e não peques mais.' Creio que a Igreja faz o mesmo, de modo imperfeito, talvez, mas é isto que ensinamos a nossos membros: Amem o pecador, abominem o pecado."²¹

A luta daqueles que enfrentam o problema da atração sexual por pessoas do mesmo sexo não é única. Existem muitos tipos de tentações, sejam de natureza sexual ou não. Nosso dever de resistir aplica-se a todas as tentações.

A maneira mais importante de a Igreja ajudar as pessoas que cederam ao pecado ou então esforçam-se para vencê-lo é cumprir sua divina missão de ensinar a doutrina verdadeira e administrar as ordenanças divinas do evangelho restaurado. O evangelho aplica-se igualmente a todas as pessoas. A principal verdade ensinada pelo evangelho é a Expição e Ressurreição de nosso Salvador, que nos possibilitam alcançar a imortalidade e a vida eterna. Para esse fim, o casamento eterno é a meta prescrita para todo filho de Deus, seja nesta vida ou na vida futura. Essa meta sagrada, porém, deve ocorrer à maneira do Senhor. O Presidente Gordon B. Hinckley declarou que "não se deve encarar o casamento como medida terapêutica para solucionar problemas como inclinação ou prática homossexual."²²

Por intermédio de Cristo e de Sua Igreja, aqueles

que se esforçam podem obter ajuda. Essa ajuda resulta do jejum e da oração, das verdades do evangelho, da freqüência às reuniões, do conselho de líderes inspirados e, quando necessário, do auxílio profissional para problemas que assim o exigirem. Outra importante fonte de ajuda é a influência fortalecedora de irmãos e irmãs amorosos. Devemos compreender que a pessoa e os familiares que se debatem com o problema da atração entre pessoas do mesmo sexo precisam muito do amor e incentivo, que são responsabilidade expressa de todos nós, membros da Igreja, uma vez que sacramentamos, em convênio o desejo de “carregar os fardos uns dos outros” (Mosias 18:8) “e assim [cumprir] a lei de Cristo” (Gálatas 6:2).

O primeiro princípio do evangelho é a fé no Senhor Jesus Cristo, a qual nos concede luz e força para vencermos os obstáculos da mortalidade e usarmos o livre-arbítrio que Deus nos deu, escolhendo o tipo de comportamento que nos conduzirá a nosso destino eterno. Temos a seguinte promessa: “Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.” (I Coríntios 10:13)

CONCLUSÃO

A diferença entre a perspectiva da ciência e a da religião pode ser comparada à diferença entre o estudo de um automóvel pela observação de seu funcionamento, desmontando-o e analisando as várias partes, e a leitura do manual de utilização escrito pelo fabricante. Pode-se aprender muito com a observação e análise, mas o conhecimento do funcionamento e potencial da máquina será apenas parcial. Estudando-se o manual escrito pelo fabricante obteremos um conhecimento melhor e mais completo. O manual de funcionamento de nosso corpo e alma são as escrituras, que foram escritas por Deus, nosso Criador, e interpretadas por Seus profetas. Essa é a melhor fonte

de conhecimento acerca do propósito da vida, por meio da qual aprendemos as condutas e pensamentos que devemos cultivar para termos felicidade nesta vida e alcançarmos nosso destino divino.

Todos os que se esforçam para vencer os desafios da mortalidade podem identificar-se com o lamento do salmo de Néfi: “(. . .) Oh! Que homem miserável sou! Sim, meu coração se entristece por causa de minha carne; minha alma se angustia por causa de minhas iniquidades.

Estou cercado por causa das tentações e pecados que tão facilmente me envolvem!” (2 Néfi 4:17–18)

Para termos o desejo e a força de vontade necessários para resistirmos ao pecado, devemos confiar em Deus e orar suplicando Sua ajuda. Néfi regozijou-se no Senhor, de quem recebeu apoio e orientação em meio a suas aflições. (Ver versículo 20.) “E por que eu cederia ao pecado por causa de minha carne?” perguntou Néfi (versículo 27), suplicando em oração que o Senhor redimisse sua alma e “[o fizesse] tremer à vista do pecado.” (Versículo 31)

As palavras de Néfi aplicam-se perfeitamente àqueles que procuram encontrar o rumo em meio aos problemas mencionados neste artigo:

“Ó Senhor, confiei em ti e em ti confiarei sempre. Não porei minha confiança no braço de carne, pois sei que aquele que confia no braço de carne é maldito. Sim, maldito é aquele que confia no homem, ou seja, que faz da carne o seu braço.

Sim, sei que Deus dará com liberalidade ao que pedir (. . .)” (Versículos 34–35)

O mesmo Deus que nos deu o mandamento de sermos perfeitos derramou Seu próprio sangue para dar-nos a oportunidade de cumprir nosso destino eterno. Sua confiança na capacidade de alcançarmos a vida eterna é expressa nesta incrível admoestação: “(. . .) Portanto, que tipo de homens deveis ser? Em verdade vos digo que deveis ser como eu sou.” (3 Néfi 27:27) □

(As notas deste artigo encontram-se na página 25.)



NOTAS DE "ATRAÇÃO POR PESSOAS DO MESMO SEXO",
POR ÉLDER DALLIN H. OAKS (Ver artigo, página 14).

1. *Doutrina do Evangelho* (São Paulo: Centro Editorial Brasileiro, 1975), p. 280.
2. Ver a declaração da Primeira Presidência, de 31 de janeiro de 1912, publicada em *Improvement Era*, março de 1912, p. 417; Ver também *Millennial Star*, 24 de agosto de 1922, p. 539.
3. Ver Lorenzo Snow, *Millennial Star*, 31 de agosto de 1899, p. 547; mencionado por Dallin H. Oaks em *Pure in Heart* (Puro de Coração) (Salt Lake City: Bookcraft, 1988), p. 61–62.
4. Carta da Primeira Presidência, 14 de novembro de 1991.
5. Ver D&C 76; mencionado por Dallin H. Oaks em "Apostasia e Restauração", *A Liahona*, julho de 1995, pp. 89–92.
6. "An Easter Greeting from the First Presidency" (Mensagem de Páscoa da Primeira Presidência), *Church News*, 15 de abril de 1995, p. 1.
7. "Free Agency and Freedom" (Livre-Arbitrio e Liberdade), *Brigham Young University 1987–88 Devotional and Fireside Speeches* (Provo: BYU Publications, 1988), pp. 46–47; a versão revisada aqui publicada pode ser encontrada em Monte S. Nyman e Charles D. Tate Jr., organizadores, *The Book of Mormon: Second Nephi, The Doctrinal Structure* (O Livro de Mórmon: Segundo Néfi, a Estrutura Doutrinária) (Provo: BYU Religious Studies Center, 1989), pp. 14–15.
8. R.C. Lewontin et al., *Not in Our Genes* (Não Está nos Genes) (Nova York: Pantheon Books, 1984); R. Hubbard e E. Wald, *Exploding the Gene Myth* (Derrubando o Mito dos Genes) (Boston: Beacon Press, 1993).
9. R. C. Friedman e J. Downey, "Neurobiology and Sexual Orientation: Current Relationships" (Neurobiologia e Orientação Sexual: Correlações Atuais), *Journal of Neuropsychiatry* 5(1993): 149.
10. *Ibid.*
11. J. M. Bailey e R. C. Pillard, "A Genetic Study of Male Sexual Orientation" (Estudo Genético da Orientação Sexual Masculina), *Archives of General Psychiatry* 48 (1991): 1089–96.
12. J. M. Bailey, R. C. Pillard et al., "Heritable Factors Influence Sexual Orientation in Women (Fatores Hereditários que Influenciam a Orientação Sexual nas Mulheres)", *Archives of General Psychiatry* 50 (1993): 217–23.
13. D. Hamer and P. Copeland, *The Science of Desire* (A Ciência do Desejo) (New York: Simon & Schuster, 1994), p. 218.
14. W. Byne e B. Parsons, "Human Sexual Orientation: The Biologic Theories Reappraised" (Orientação Sexual Humana: Reavaliação das Teorias Biológicas), *Archives of General Psychiatry* 50 (1993): 228.
15. Dean Hamer et al., "A Linkage Between DNA Markers on the X Chromosome and Male Sexual Orientation" (Relação entre os Marcadores do DNA no Cromossomo X e a Orientação Sexual Masculina), *Science* 261 (16 de julho de 1993): 321–27.
16. *The Science of Desire* (A Ciência do Desejo), pp. 145–46.
17. W. Byne, "The Biological Evidence Challenged" (Refutando a Evidência Biológica), *Scientific American*, maio de 1994, pp. 50, 55.
18. Byne e Parsons, "Human Sexual Orientation" (Orientação Sexual Humana), pp. 236–37.
19. Gordon B. Hinckley, "Reverência e Moralidade", *A Liahona*, julho de 1987, p. 44–51.
20. Carta endereçada a Dallin H. Oaks, 3 de setembro de 1994.
21. Entrevista na televisão com Élder Dallin H. Oaks, realizada no dia 3 de dezembro de 1986; resposta não televisivada; trechos publicados em "Apostle Reaffirms Church's Position on Homosexuality" (Apóstolo Reafirma a Posição da Igreja com Relação ao Homossexualismo), *Church News*, 14 de fevereiro de 1987, pp. 10, 12.
22. Gordon B. Hinckley, "Reverência e Moralidade", p. 46–51.

LEMBRAR-SE DE QUAN

Wade J. Hatch

ILUSTRADO POR DAVID LINN



O O SOL BRILHAVA

Certa vez, quando sobrevoava sozinho uma região montanhosa, meu avião foi subitamente envolto por densas nuvens. Quase não podia ver a ponta da asa direita pela janela. Os campos abaixo, as casas em miniatura e as estradas que riscavam o verde vale haviam desaparecido. O Cessna 150 não tem radar, e, sem qualquer ponto de referência conhecido, entrei em pânico. Estaria voando muito baixo? A que distância estaria das montanhas? Aquela falta de orientação poderia ser fatal.

Naquele instante, lembrei-me das palavras de meu instrutor de vôo: "Lembre-se da última vez em que viu o sol brilhar." Respirei fundo e fiz meu avião dar uma volta de 180 graus. As nuvens começaram a dissipar-se, e voltei a ver a luz do sol. Avistei um pequeno trator arando o campo lá embaixo. Ninguém ouviu meus gritos de alegria.

Durante as aventuras da vida doméstica, também temos que nos lembrar de quando vimos o sol brilhar. Estava apagando as luzes, tarde da noite, preparando-me para dormir, quando ouvi risadas no quarto de nossas filhas adolescentes. Entrei no quarto e descobri o motivo de tanta alegria. Sua mãe havia permitido que lessem o diário dela, e as meninas estavam nas páginas que descreviam a época em que a mãe tinha quinze anos de idade. Fizeram-me uma porção de perguntas: "O que sentiu quando encontrou nossa mãe pela primeira vez?" "Por que ela escreveu isto?"

Ela escreveu que ficara olhando da janela de seu quarto, enquanto eu passava a cavalo, e que me vira na Igreja. Guardou a moeda que ganhara de mim numa disputa de cara-ou-coroa entre amigos. Junto com minhas filhas, recordei o dia em que conheci e convidei para sair a jovem que se tornaria minha esposa. Era como se a visse debaixo dos grandes salgueiros na frente de sua casa: os jeans azuis, os pés descalços, o sorriso matreiro. Lembro-me de como me contorci e pulei, quando o sapo que ela colocou dentro de minha camisa começou a se mexer.

As emoções brotaram daquele tesouro escondido por tanto tempo. Apaixonei-me novamente por minha esposa, enquanto a descrevia para minhas filhas. Lembro-me do reflexo do luar nos flocos de neve de seus cabelos, no dia em que fomos andar de trenó com um grupo de amigos. Não foi de frio o formigamento que senti quando lhe tomei a mão para ajudá-la a escalar um monte.

Assim como um avião pode encontrar mau tempo pela frente, nosso casamento, às vezes, também enfrenta fortes ventos contrários ou densas nuvens. Nessas ocasiões, sempre é possível darmos uma volta de 180 graus. Podemos reviver momentos marcantes.

Uma das melhores maneiras de fazer isso é procurar um lugar tranquilo e começar a escrever. Podemos escrever a respeito da primeira vez em que encontramos nossa esposa ou marido, como nos sentimos quando decidimos nos casar, nosso encontro mais divertido, o que sentimos quando nasceu nosso primeiro filho. Ao escrever, nosso coração irá abrir-se; uma torrente de lembranças nos inundará a mente; e fortes emoções serão revividas.

Não importa que não sejamos grandes escritores. Uma simples frase pode abrir um vasto tesouro de recordações. Assim como fazemos depósitos periódicos em nossa conta de poupança, podemos depositar raios de sol para ocasiões futuras. Haverá momentos em que serão necessários.

Na noite em que lemos o pequeno diário de minha esposa, minhas filhas e eu fizemos um saque e depositamos em nosso banco de amor. Elas souberam que seus pais já haviam sido jovens e souberam que eu amava sua mãe. Acho que isso as ajudou a sentirem-se mais seguras. Dei-lhes um beijo de boa noite e subi para encontrar sua mãe, que já estava dormindo. Acordei-a gentilmente e disse-lhe o quanto a achara bonita no dia em que nos conhecemos e que ainda a achava muito bonita. Expressei meu amor por ela e minha gratidão pelos anos que passamos juntos.

Rindo, ela pôs a mão em minha testa. "Você andou sonhando?"

"Mais ou menos", disse eu. "Estive relembando a luz do sol." □

O Irmão Andelin e a Gangorra

Robert Shawgo

ILUSTRADO POR SCOTT GREER



Era apenas uma tábua velha que Kristen e eu havíamos encontrado — tinha mais ou menos 3 metros de comprimento e era larga o bastante para que nos sentássemos nela. O sol do deserto já havia começado a deixá-la acinzentada, mas, mesmo assim, era perfeita para nosso *playground* de mentirinha. Na verdade, tirando um monte de areia e alguns caminhões de brinquedo, era a *única* coisa que havia em nosso *playground*. Apoiada em uma grande pedra de nosso quintal, a velha tábua transformara-se numa gangorra, como a que havia no parque, perto da casa de minha avó. É claro que nossa gangorra não subia tão alto quanto a do parque; mas era toda nossa.

Estávamos brincando na gangorra, certo dia, quando recebemos a visita de dois homens. Não sabíamos o motivo da visita,

mas vimos que ficaram algum tempo conversando com minha mãe, na cozinha. Kristen, que tinha um ano a mais do que eu, disse que eram da nova Igreja que começáramos a freqüentar. Um deles era jovem, o outro tinha barba e cabelos brancos. Era o homem mais velho que eu já tinha visto. Quando estavam de saída, o velho aproximou-se e ficou observando-nos a brincar na gangorra.

“Vocês têm uma bela tábua aí”, disse ele. “Será que se importariam de me emprestá-la por algum tempo? Tenho certeza que uma tábua dessas poderia ser-me bastante útil.”

Olhamos para minha mãe, que estava de pé junto à porta da cozinha. Ela pediu-nos que déssemos a tábua ao homem. E assim, Kristen e eu descemos da gangorra e o homem colocou a tábua em seu caminho. Ele e o outro homem despediram-se e foram embora.

“Mãe, o que aqueles homens vieram fazer aqui?” perguntei, mau humorado.

“São nossos mestres familiares. A Igreja a que



fomos no domingo enviou-os para ver se tudo vai bem conosco.”

“Comigo está tudo bem, mas eu estava melhor quando tinha minha gangorra.”

Minha mãe alisou-me a cabeça.

“Sei disso, querido. Já está quase na hora do jantar. Entre e vá lavar-se.”

A maioria das crianças provavelmente faria o maior estardalhaço se lhe tirassem o brinquedo favorito, mas sabíamos que quando minha mãe pedia, devíamos obedecer.

Naquela noite, minha mãe disse que o nome do velho era irmão Andelin. Tendo apenas quatro anos de idade, tive de esforçar-me para pronunciar corretamente aquele nome. Minha mãe disse que o irmão Andelin morava do outro lado da cidade, mas viria visitar-nos de novo.

Poucos dias mais tarde, eu estava na varanda, quando o caminhão do irmão Andelin apareceu subindo a rua ruidosamente.

“Olá, Bobby. Quer ver o que construí com a tábua que você me deu?” disse ele ao descer do caminhão.

Corri até a traseira do caminhão, de onde ele tirou a tábua, que estava pintada de verde e tinha um assento em cada ponta. No meio, de ambos os lados, havia aros de metal. Havia também, no caminhão, uma grande caixa de madeira, em forma de pirâmide, da mesma cor da tábua.

“Sua irmã está em casa?” perguntou o irmão Andelin. “Corra e vá chamá-la, enquanto eu instalo isto aqui no quintal.”

Corri até a cozinha e entrei no saguão. “Kristen”, gritei, ofegante. “O irmão Andelin trouxe nossa tábua. Só que ele, ele (. . .) venha ver.”

Minhã mãe seguiu-nos quando Kristen e eu corremos para fora. O irmão Andelin tinha prendido a tábua na parte de cima da caixa.

“É uma gangorra de *verdade*”, sussurrou-me Kristen. “É *nossa*?”

“Sei lá. Pergunte a ele.”

“Pergunte você.”

“Irmão Andelin”, disse eu, aproximando-me, “é para nós? De verdade?”

“Era sua tábua, não era?” disse ele. “Além disso, o que vou fazer com uma gangorra? Todos os meus filhos já estão grandes.”



Kristen e eu montamos na nova gangorra. Não era como antes. Quando subíamos, ficávamos bem alto no ar. O irmão Andelin ficou feliz ao ver-nos brincando, mostrando um grande sorriso por trás da longa barba branca.

Depois disso, quando o irmão Andelin nos visitava, Kristen e eu parávamos de brincar. Entrávamos em casa para ouvi-lo contar histórias de sua infância em Utah, de seu avô pioneiro e da nova Igreja que estávamos freqüentando.

Os anos passaram-se. O irmão Andelin faleceu. Numa fria manhã de inverno, nosso quórum de sacerdotes visitou uma casinha no limite da ala. O nome que aparecia na caixa de correio era *Andelin*. Junto à porta, apoiada em uma bengala, estava uma senhora baixinha, de cabelos ralos e brancos, exibindo um sorriso caloroso.

Nosso consultor apresentou-nos à irmã Andelin, enquanto descarregávamos a pequena árvore de Natal que lhe estávamos dando de presente. Ela fez questão de conhecer-nos pelo nome, ao conversar conosco. Já fazia alguns anos que a irmã Andelin não tinha condições físicas para freqüentar as reuniões da Igreja. Apesar de não reconhecer a maioria de nós, conhecia nossas famílias.

“Como está sua mãe?” perguntou-me ela.

Dei a resposta costumeira: “Vai bem, obrigado.”

“Meu marido era seu mestre familiar, logo que você se filiou à Igreja. Lembra-se?”

Depois de dizer-lhe que sim, recordei-lhe o episódio da tábua e da gangorra. Ela apertou uma mão contra a outra e sorriu, como se estivesse revendo todo o ocorrido em sua mente. “Sabe, ele sempre fazia coisas boas, como essa, para as pessoas. E agora, vejam só”, disse ela, tomando-me a mão. “Você está passando adiante um pouco das coisas boas que aprendeu. É desse modo que consigo sobreviver hoje. Não paro de receber de volta todo o amor que meu marido espalhou por esta ala.”

Descobri que o irmão Andelin cuidara das viúvas e órfãos, como o Senhor havia ordenado. Era, porém, mais do que isso. O irmão Andelin transmitiu-nos um altruísmo que perdurou, mesmo depois que ele e aquela velha gangorra já não estavam mais conosco.

Desde a primeira visita do irmão Andelin, aprendi muito a respeito da Igreja, enquanto procurava obter um testemunho do evangelho. Esse testemunho começou quando um homem de cabelos brancos levou nossa velha tábua e transformou-a em uma gangorra. □

“COMO EU SOU”

**“Portanto que tipo de homens
devereis ser? Em verdade vos digo
que deveis ser como eu sou.”**

(3 Néfi 27:27)

O Salvador ensinou que os dois maiores mandamentos são: Amar a Deus e “Amar ao próximo com a ti mesmo”, pois “Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas”. (Mateus 22:37–40) O Apóstolo Paulo observou que todo mandamento “tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

O amor não faz mal ao próximo. De sorte que o cumprimento da lei é o amor.” (Romanos 13:9–10)

O Salvador mostrou-nos a maneira de amar. Ele aceitou completamente o plano de nosso Pai e colocou-o em ação por meio da obediência e sacrifício. (Ver Moisés 4:2; D&C 19: 16–19.) Ele era constantemente motivado pelo amor. Quando estava na Terra, curou os aleijados e ensinou aqueles que tinham fome espiritual. (Ver Mateus 8:14–20; 9:35–38.) Amou os desprezados (ver João 8:1–11) e abençoou outros sem se preocupar com posição social ou títulos. (Ver João 4:46–53; Lucas 17:11–19.) De Seu humilde nascimento num estábulo até Seu solitário sofrimento no Getsêmani e no Gólgota, Ele viveu o amor que ensinou.

Séculos mais tarde, Ele apareceu a Joseph Smith acompanhado de nosso Pai Celestial e restaurou Sua Igreja. Hoje, Ele dirige amorosa-

mente Sua Igreja e lidera os que O seguem para “tudo que Meu Pai possui”. (D&C 84:38) Ele deixou-nos o exemplo. Por meio de nossa fé Nele, podemos aprender a amar como Ele ama e, assim, cumprir a lei em nossa própria vida.

QUANDO APRENDEMOS A AMAR, TORNAMO-NOS MAIS PARECIDOS COM JESUS CRISTO

Amando aqueles que nos rodeiam, tornamo-nos mais parecidos com o Salvador. Ofertamos nosso coração, segundo o convênio que fizemos com Ele; “Chorar com os que choram; sim, e consolar os que necessitam de conforto”. (Mosias 18:9)

O amor cristão foi mostrado, não faz muito tempo, num ramo de Houston, Texas. Quando o marido de uma mulher faleceu, ela não conse-

guiu parar de chorar. Ninguém conseguia acalmá-la. Então, chegou uma amiga e começou a escovar-lhe os cabelos, desejando oferecer-lhe amor. Como resultado desse simples ato de carinho, o pranto inconsolável da irmã diminuiu e ela foi confortada. Ela se recompôs e pôde conversar com as irmãs que estavam ali para limpar sua casa e levar-lhe comida. Encontrou paz no gesto de amor da amiga—e então, em sua tranquilidade, ela sentiu gratidão pela ajuda amorosa das outras irmãs.

O PURO AMOR DE CRISTO É UM DOM DO PAI

Enquanto nosso amor cresce, nossa capacidade de amar também cresce como um dom de Deus. Mórmon aconselhou: “Portanto, meus amados irmãos, rogai ao Pai com toda a energia de vosso coração, que sejais cheios desse amor que *ele concedeu* a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo; (. . .) que quando ele aparecer, sejamos como ele”. (Morôni 7:48; grifo nosso.)

Se tivermos fé para seguir o exemplo do Salvador, nosso Pai Celestial nos dará uma capacidade cada vez maior de amar mais perfeita e puramente, tornado-nos mais parecidos com o Salvador.

• *Como pode saber a melhor coisa a fazer quando está tentando ajudar alguém?*

• *Como conheceu o amor do Salvador em sua vida?* □





CEGUEIRA

Laurie W. Thornton

ILUSTRADO POR ALLAN GARNIS;
FOTOGRAFIA DE MAREN E. MECHAM

Olhe dentro do coração de uma pessoa e a verá mais claramente—mesmo que você seja cego.

Após assistirem a uma cena horrível na TV, alguns amigos meus às vezes comentam comigo: “Sabe de uma coisa? Você tem sorte de não poder enxergar!” Eles sempre se desculpam logo em seguida, receosos de talvez me terem ofendido, mas muitas vezes eles têm razão. De vez em quando ser cega é vantajoso.

Uma vantagem é que eu nunca posso julgar uma pessoa pela aparência. As escrituras enfatizam que, embora a fisionomia, a altura e a constituição física de uma pessoa importe para o homem, para Deus essas coisas não importam: “O homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração.” (I Samuel 16:7)

Quando eu enxergava, antes de perder a visão por causa da diabetes, costumava julgar os outros pela aparência. Lembro-me particularmente de uma professora do coral feminino da terceira série do segundo grau. Ela era muito sem graça e usava roupas feias. Até quando regia o coral ela parecia uma pessoa tímida e retrógrada, com tanta personalidade quanto um biscoito de água e sal. Tenho vergonha de admitir que nós, meninas, fizemos

muitos comentários rudes e brincadeiras cruéis sobre ela pelas costas.

Um dia, no fim do ano escolar, eu e algumas amigas achamos que seria engraçado deixar um bilhete anônimo sobre a mesa de nossa professora, dizendo-lhe o que realmente pensávamos a seu respeito. Fui eleita para o trabalho sujo, mas, quando cheguei em sua sala vazia para deixar o bilhete, não consegui fazê-lo. Em vez disso, sobrepujada pelo que hoje suspeito ter sido o Espírito, rapidamente escrevi um bilhete agradecendo-lhe os esforços para reger o coro e dizendo-lhe que eu gostara de cantar.

Quando deixei o bilhete sobre a mesa, ela entrou na sala. Gelei até os ossos. Ela dirigiu-se à mesa, pegou o bilhete e leu-o. Fiquei atônita ao ver lágrimas escorrem-lhe pela face. Ela apertou o bilhete contra o peito e, com seu jeito brando, disse: “Obrigada.”

Ao olhar bem dentro de seus olhos naquele momento, acredito tê-la visto claramente pela primeira vez. Foi como se eu estivesse olhando diretamente para sua alma e percebesse num só instante sua solidão, sua dor e sua suave bondade. Naquele momento, senti por ela um amor muito maior do que o que já sentira por qualquer de meus professores favoritos. O Senhor permitiu-me ver o coração de minha professora de canto do mesmo modo que Ele o vê. □



Irmãs da Hungria: Servindo com Amor

Marvin K. Gardner

FOTOGRAFIA DO AUTOR



No topo do Monte Gellért, que se eleva acima da magnífica cidade de Budapeste, Hungria, duas missionárias procuram um local retirado, num bosque, onde possam ficar sozinhas sem que ninguém as observe.

Elas abrem as escrituras e pegam uma cópia datilografada de uma oração recém-traduzida para o húngaro—a

bênção apostólica que o Élder Russell M. Nelson, do Quórum dos Doze, proferiu na Hungria em abril de 1987. Foi aqui no Monte Gellért—com a vista do Rio Danúbio lá embaixo, as colinas de Buda de um lado e as planícies de Pest do outro—que o Élder Nelson proferiu essa oração, pedindo ao Senhor que derramasse Suas bênçãos sobre o país e seu povo. Agora, reverentemente



ajoelhadas entre as árvores, as missionárias estudam em voz alta a oração em sua própria língua. Acima delas, uma agradável brisa agita as folhas, e o sol brilha num céu sem nuvens. Por alguns momentos, as missionárias são envolvidas por um espírito de ternura e paz.

Síster. Elas amam o som dessa palavra. Não há parentesco entre síster Nagy Erika e síster Pálinkás Bernadett. (O sobrenome dos húngaros vem na frente do nome.) Elas se conheceram depois de se tornarem missionárias, mas não há sísteres que se sintam mais unidas em propósito e espírito que essas. Elas sentem que sua missão faz parte da história em desenvolvimento: Essas missionárias compartilham o privilégio de serem os primeiros cidadãos húngaros a servir como missionários de tempo integral na Hungria.

“Para mim”, diz síster Pálinkás, “é inacreditável que nós, húngaros, possamos fazer isso agora—ouvir a mensagem do evangelho e depois servir como missionários.” De fato, os acontecimentos que levaram a essa oportunidade são milagrosos. Por quase 40 anos, a Hungria foi um estado socialista controlado pelo comunismo, sem qualquer liberdade de religião. Em junho de 1988, apenas um ano depois que o Élder Nelson proferiu a oração dedicada, a Igreja foi oficialmente reconhecida no país. Em outubro de 1989, a Hungria tornou-se democrática e, em

julho de 1990, a Igreja abriu uma missão em Budapeste. síster Nagy e síster Pálinkás foram batizadas com um mês de diferença, em 1992.

“Eu acredito que o Élder Nelson foi um instrumento nas mãos de Deus quando deu a bênção”, diz síster Nagy. “Enquanto estudava a bênção hoje de novo, pensei em todos os missionários que estão aqui agora e todos os que virão depois de nós. A oração fala de todos eles. Pensei na juventude. Pensei em todas as estacas e alas que, segundo a profecia do Élder Nelson, pontilhariam este país. Pensei também no Hino Nacional Húngaro, que começa assim: ‘Deus abençoe os húngaros’. Deus realmente abençoou os húngaros.”

É claro que nós, os santos dos últimos dias, não somos os únicos fazendo proselitismo na Hungria”, diz síster Pálinkás. “Missionários de muitas, muitas outras igrejas estão aqui também. Isso torna as coisas difíceis para o povo. Após um longo período de proibição total, agora tudo é completamente livre no que se refere a religião—e as pessoas estão um pouco assustadas e confusas com todas essas igrejas. Muitas se conservam um pouco distantes e evitam tomar decisões.

É por esse motivo que nosso modo de divulgar o evangelho é tão importante. Se fizermos esse trabalho com amor, com amor cristão, e lhes mostrarmos que nos



importamos com eles e não estamos fazendo isso por outras razões, então não acredito que haverá uma pessoa no mundo cujo coração não seja tocado.”

SÍSTER PÁLINKÁS BERNADETT:
“ALGO ESTAVA FALTANDO”

Essas duas missionárias são as primeiras a saber da confusão e incerteza de alguns de seus pesquisadores, no que se refere a religião. Síster Pálinkás Bernadett é de Dunaújváros, uma cidade industrial construída por Joseph Stalin como sendo a cidade comunista modelo. Por muitos anos, não houve qualquer igreja na cidade. “Meus pais não acreditam em Deus”, ela conta. “Contudo, de alguma forma, senti-me perto de Deus e amada por Ele.

Sempre pensei no que eu estava fazendo aqui na Terra, em qual era o propósito da vida, na razão de eu ter nascido aqui na Hungria e não em outro lugar, e por que nascera nesta época e não antes ou depois. Algo estava faltando em minha vida, mas eu não sabia exatamente o quê.”

Quando Bernadett tinha quase 20 anos, dois missionários americanos entraram na loja onde ela vendia materiais de escritório. “Minhas colegas de trabalho e eu

notamos imediatamente que aqueles rapazes eram diferentes dos outros”, lembra-se. “Tinham um brilho nos olhos que me deixou curiosa para saber quem eram e o que estavam fazendo na Hungria. Senti que podiam mostrar-me algo que eu não conhecia—que precisava conhecer.”

Bernadett e uma colega planejaram ouvir a primeira palestra. Embora sua amiga tenha logo perdido o interesse, Bernadett foi à reunião sacramental sozinha no domingo seguinte e batizou-se um mês depois, dia 22 de agosto de 1992. Um ano e meio mais tarde, tornou-se missionária de tempo integral. Nenhum outro membro de sua família foi batizado ainda.

Os pais de Bernadett não estão contentes com o batismo nem com a missão da filha. “É difícil para eles porque não entendem o que estou fazendo nem por quê, ainda que eu tenha tentado explicar-lhes. Quando decidi ser missionária, minha primeira meta foi tentar de alguma maneira aproximar meus pais da Igreja. Agora reconheço que cada pessoa tem sua maneira pessoal de trilhar o caminho que leva a Deus, e para algumas pessoas isso leva mais tempo do que para outras. Eu escrevo a meus pais toda semana e oro por eles sempre.”

Embora Bernadett não receba notícias de sua família, ela é grata pelas cartas enviadas pelos membros de seu



Um dia na vida das duas primeiras cidadãs húngaras a servirem como missionárias de tempo integral na Hungria: De manhã cedo, síster Nagy e síster Pálinkás silenciosamente lêem a oração apostólica oferecida para seu país. Mais tarde, dão uma mensagem à família Horváth, centro. A irmã Horváth Erzsébet (cumprimentando as missionárias) é uma conversa pioneira, batizada em 1990.

ramo—especialmente os jovens. Além disso, tem muito apoio na missão. Seu primeiro líder de zona foi o missionário que a batizou em Dunaújváros um ano e meio antes! “Quando ele me batizou, era um missionário verdinho”, conta ela, “depois eu era a verdinha, e ele, mais experiente. Tive muito orgulho de trabalhar com ele.”

SÍSTER NAGY ERIKA: “NUMA CIDADE DE MAIS DE DOIS MILHÕES DE HABITANTES!”

Em abril de 1992, Nagy Erika tinha 20 anos de idade e morava com a família na cidade de Nyiregyháza, quando um amigo os incentivou a ouvir os missionários. O pai de Erika, cristão devoto, ensinara a família sobre Deus e, naquela manhã, todos haviam ido à igreja que freqüentavam. “Mas quando os dois élderes entraram e nos cumprimentaram—meus pais e todos os oito filhos—sentimos uma surpreendente felicidade por causa do espírito que emanava deles.”

Com esse espírito, os missionários “tornaram-se nossos amigos”, conta Erika. “Era maravilhoso como eles demonstravam amor por nós—meus irmãos menores, nós, irmãos mais velhos, e nossos pais—e como falavam de seus pais com amor e respeito. Pensamos que se algum dia, de alguma forma, pudéssemos demonstrar esse amor pelas pessoas, isso seria ótimo. Quando

começaram a falar sobre Deus e Jesus Cristo, tivemos uma maravilhosa conversa.”

Após a segunda palestra, a família repentinamente perdeu contato com os missionários. Primeiro, um deles foi transferido. Depois, inesperadamente, a família de Erika teve que mudar-se para Budapeste. “Toda noite eu tentava orar—da melhor maneira que sabia—e pedia a Deus que me ajudasse a encontrar alguém com quem eu pudesse conversar sobre o que os missionários nos haviam ensinado.”

Dois meses depois de mudar-se para Budapeste, Erika teve um daqueles dias em que tudo parece dar errado. Primeiro, perdeu o ônibus e precisou andar bastante debaixo de chuva. Quando finalmente chegou a uma estação de metrô, sentia-se bastante desanimada. “Então, enquanto esperava o trem, subitamente vi dois élderes—e um deles era um dos que nos haviam ensinado em Nyiregyháza! Não pude acreditar—numa cidade de mais de dois milhões de habitantes!”

As palestras imediatamente foram retomadas com a família de Erika e ela foi batizada sozinha em 13 de setembro de 1992, apenas cinco meses após conhecer os missionários. Até dezembro, sete dos dez membros da família haviam sido batizados e ela está confiante que os outros farão o mesmo. “Em toda carta que lhes escrevo, mando-lhes boas mensagens espirituais e eles estão



Depois de verificarem as rotas e horários dos ônibus de Budapeste, as missionárias saem de novo para fazer contatos num grande prédio de apartamentos. Uma mulher recebe o Livro de Mórmon, centro, e acerta um horário para ouvir as palestras. Antes de receberem o chamado missionário, as duas irmãs sabiam, pelo Espírito, que iam ser chamadas para ensinar seu próprio povo. Elas se alegram com essa oportunidade.

progredindo”, ela diz, com um sorriso no rosto.

Um ano após seu batismo, Erika recebeu o chamado missionário para a Hungria. “Fiquei feliz de ser chamada para servir meu próprio povo em minha própria língua. Contudo, não sabia se era digna de ser a primeira cidadã húngara a servir na Hungria, nem se seria capaz de dar às pessoas o que elas precisavam. Naquela noite, orei a respeito disso, tive sentimentos ótimos e soube que Deus me amava e amava minha família. Senti-me bem próxima Dele.”

SERVINDO COM AMOR

As lembranças das experiências que essas duas irmãs têm tido como missionárias deixam claro que seus esforços estão proporcionando-lhes ricas bênçãos do Senhor. “Quando cheguei em minha primeira cidade como missionária”, diz suster Pálinkás, “minha companheira e eu olhamos nosso planejamento semanal e não havia nada marcado. Eu disse ‘Oh, não. O que vamos fazer?’. Mesmo assim, fomos em frente e trabalhamos com afinco. Aprendi que quando há um dia vazio em nosso planejamento, podemos dizer: ‘Não tem problema, vamos ensinar três ou quatro palestras.’ Depois, incluímos em nossas orações uma súplica ao Senhor para que nos ajude a alcançar aquele justo desejo. Aprendi que, se

pedimos com fé verdadeira e real intento, o Senhor nos ajuda, desde que o pedido esteja de acordo com Sua vontade.”

A alegria de ver uma pessoa mudar de vida e ser batizada é a maior recompensa. “Não posso dizer quão feliz fiquei em meu primeiro batismo como missionária”, diz suster Pálinkás. “Senti-me como se pudesse voar de alegria. Foi um prazer imenso saber que aquela pessoa maravilhosa estava unindo-se à Igreja do Senhor—uma pessoa capaz de ensinar muitas coisas a mim e a muitos outros membros.”

De acordo com essas missionárias, a pregação do evangelho na Hungria é ao mesmo tempo um início e um fim. “O evangelho dá a nós, húngaros, um novo começo”, diz suster Pálinkás. “Temos a oportunidade de conhecer a Deus e Seu evangelho e a nós mesmos. Talvez isso seja o fim de uma tendência que algumas pessoas desenvolveram de achar que precisavam estar separadas de todo o mundo, que não poderiam amar-se umas às outras.”

“Grandes muros estão caindo e portões estão abrindo-se por causa do evangelho”, diz suster Nagy. “Ao longo dos anos, construímos muros para proteger-nos de coisas que iam acontecer em nossa vida, mas não havia amor nem fraternidade. O evangelho ajuda-nos a abrir os portões do amor e do serviço ao próximo.” □



O P O D E R D

Tamara Leatham Bailey e Christie Giles

ILUSTRADO POR DILEEN MARSH

J á ouviu alguma canção, que lhe encheu os olhos de lágrimas? Ou surpreendeu-se acompanhando com os pés o ritmo da música, sem estar nem mesmo pensando nela? Alguma vez cantou em um microfone imaginário enquanto era aplaudido por uma audiência invisível? Nossa vida está cheia de música, e cada nota e letra nos toca—algumas de modo positivo, outras, negativo.

“Através da música, a capacidade

humana de expressão se expande além dos limites da linguagem falada, em sutileza e em poder. A música pode ser utilizada para exaltar e inspirar ou para difundir mensagens de degradação e destruição.” (Boletim do Sacerdócio, agosto de 1973, página 3.)

A música ameniza sentimentos quando se está zangado ou irritado, ou faz-nos sentir frustrados e estressados.

A música convida o Espírito a entrar em nosso lar—ou expulsa-o.

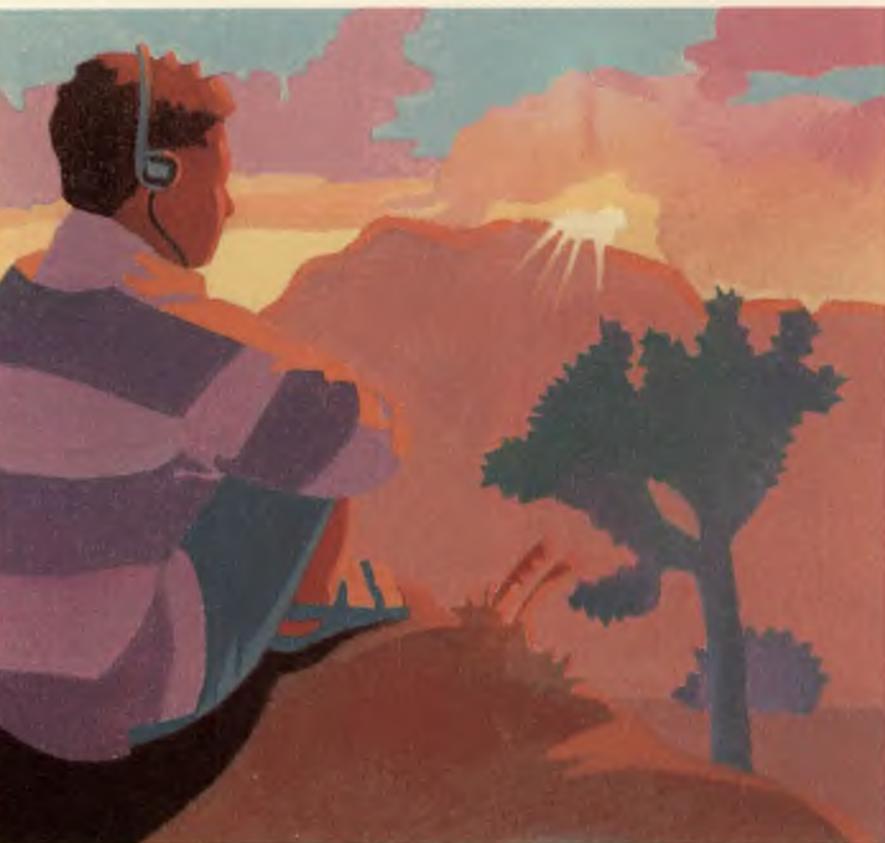
A música estimula a imaginação. Muitos artistas ouvem música durante a criação de suas obras e sentem que isso melhora o trabalho. E estudos mostraram que um pouco de música clássica, tocada suavemente, pode auxiliar as pessoas a conservarem as informações que aprendem. (Experimente antes da próxima prova final!)

Por outro lado, a música também pode infundir maus pensamentos. Você diria: “Mas eu não presto atenção à letra.” Pesquisas demonstram que o cérebro humano capta automaticamente toda mensagem ao alcance da visão ou da audição. Palavras encaixadas em música podem ter grande influência, pois passam sorrateiramente pelo mecanismo de projeção do cérebro e são armazenadas no subconsciente, sem nosso conhecimento.

QUAL MÚSICA?

Nem sempre é fácil saber qual música ouvir. Para descobrir como a música o está afetando espiritual e emocionalmente, faça a si mesmo as seguintes perguntas:

■ *Senti uma mudança de espírito ao ouvir essa música?* O Espírito frequentemente orienta por meio de sentimentos. Preste atenção ao



A M Ú S I C A

modo como a música o faz sentir-se. A vida é uma série de altos e baixos emocionais, e é normal nos sentirmos um pouco tristes de vez em quando. Mas uma música que o torne constantemente deprimido, frustrado ou zangado não é saudável. A música edificante encoraja-nos a ver as coisas de maneira “clara” e otimista. Música degradante parece “escura” e deprimente.

■ *Você repetiria a letra tranquilamente para sua família e amigos? Você ficaria à vontade ouvindo essa música com alguém que respeita— como seu professor do seminário, mãe ou bispo?*

■ *O grupo que a executa promove padrões similares aos seus? Pense a respeito do nome, capas de discos, vídeos, atitudes no palco e roupas do grupo. Você fica impressionado com o que eles defendem? Como você age ou se imagina agindo quando ouve a música do grupo? De que forma ela afeta aqueles à sua volta? A música leva você a pensar, agir ou ter sentimentos contrários aos ensinamentos de Cristo?*

MUDANDO A MELODIA

Se você decidiu estabelecer um novo padrão para a música, aqui estão algumas sugestões para tornar

mais fácil a transição:

■ *Busque uma qualidade superior.* “Por que não examinar sua coleção?”, perguntou o Élder Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze. “Fique apenas com o melhor. Seja seletivo no que consome e produz. Isto se torna parte de você.” (*Ensign*, janeiro de 1974, página 27.)

■ *Defenda seus padrões.* Uma vez estabelecidos os padrões, não tolere nem mesmo pequenas doses de música contrária a eles. O Presidente Spencer W. Kimball disse: “É óbvio que, para se permanecer limpo e digno, deve-se ficar positiva e conclusivamente longe do território de Satanás.” (*O Milagre do Perdão*, página 222.)

■ *Converse a respeito de música com seus pais.* Caso seus pais se preocupem com a música que você ouve, converse com eles a respeito de seus padrões musicais. Pergunte-lhes como avaliam a música que ouvem e tente encontrar padrões coincidentes. Ouça a música deles e peça-lhes que ouçam a sua.

■ *Cultive o Espírito.* Agora que eliminou o negativo, encha sua coleção com o positivo. Cultive o Espírito lendo as escrituras e orando. Em seguida, ouça músicas que combinem com tal espírito.

■ *Amplie suas opções.* Se não conseguir encontrar boa música no estilo que costuma ouvir, experi-

mente algo novo. Pode-se encontrar boa música em todos os estilos, desde jazz até reggae e clássicos, e a variedade torna seu gosto musical mais interessante.

■ *Desenvolva a sensibilidade auditiva.* Após um espetáculo de música, você costuma escutar um zumbido nos ouvidos e tem dificuldades em ouvir sons baixos? Nesse caso, você pode estar perdendo a audição. Ruídos acima de 100 decibéis afrouxam os minúsculos filamentos do ouvido interno que transmitem o som aos nervos. Tais filamentos normalmente voltam ao normal, mas a reiterada exposição a sons excessivamente ruidosos pode afrouxá-los permanentemente. Concertos de rock costumam emitir 120 decibéis, mas fones de ouvido estereofônicos são ainda piores. É como colocar o bocal de uma mangueira de incêndio no canal auditivo e ligá-la a toda força. Experimente abaixar o volume da música e usar protetores de ouvido quando for a espetáculos de música.

■ *Lembre-se das bênçãos resultantes da escolha de músicas adequadas.* O Senhor disse: “Pois a Minha alma se deleita com o canto do coração; sim, o canto dos justos é uma prece a Mim, e será respondida com uma bênção sobre suas cabeças.” (D&C 25:12) □

Eu Te Amo Um

A watercolor-style illustration of a young boy with short brown hair and a joyful expression, wearing a blue t-shirt with a rainbow stripe. His arms are outstretched to the sides. In the background, a large, pale hand is visible against a sky with soft, colorful clouds in shades of blue, pink, and yellow.

Tinha quatro anos—e ensinou-me uma das verdades mais importantes de todo o universo.

LaDawn Risenmay
ILUSTRADO POR DILLEEN MARSH

Eu descansava numa confortável poltrona na sala de estar, lendo uma revista, quando meu irmão de quatro anos entrou na sala com os braços abarrotados de brinquedos. Normalmente eu lhe teria dito que brincasse no quarto, não só porque ele é muito barulhento, mas porque eu teria que limpar tudo depois. No entanto, como sabia que ele não concordaria em fazer isso, decidi não iniciar uma briga que eu provavelmente não ganharia.



Tanto Assim

Meu irmão espalhou os brinquedos no meio da sala e começou a brincar, fazendo os grunhidos apropriados para cada um dos bichinhos que pegava. Eu dei risada, ao que ele respondeu com um franzir de sombrancelhas.

“Venha aqui, Beto”, chamei-o, colocando a revista de lado. Ele subiu no meu colo e dei-lhe um abraço, dizendo: “Eu te amo”, inconscientemente começando seu jogo preferido.

“Eu te amo mais”, insistiu ele, devolvendo-me o abraço.

“De jeito nenhum! Eu te amo

mais!” protestei eu, apertando-o mais ainda.

Beto saiu do meu colo, abriu os braços o mais que pode e, com um grunhido devido ao esforço, disse: “Eu te amo um tanto assim.”

Fiz o mesmo gesto e retruquei: “E eu te amo um tanto assim”, o que era mais, pois meus braços eram duas vezes maiores.

“Eu te amo do tamanho desta sala inteira.”

“Eu te amo do tamanho desta casa”, respondi eu.

“Eu te amo do tamanho do mundo.”

“Eu te amo do tamanho de todo o universo!” Pensei ter ganhado o jogo, já que ele não sabia o que era o universo.

“Eu te amo como Jesus”, disse Beto seguro de si.

Sorri. Ele ganhara. Sabia que não tinha como vencê-lo. Pedi-lhe que me desse um beijo, e ele o fez: deu-me um beijo gostoso e molhado na bochecha.

Não me surpreendi por ele ter pensado em Cristo e eu não. Parece que muitos de nós esquecemos do que os Raios de Sol parecem saber tão bem: que Jesus nos ama. □



A ESCURIDÃO E A LUA

Frank Outcalt

No dia 10 de janeiro de 1969, minha vida mudou abruptamente.

Eu certamente não tencionava mudar. Não era ativo na Igreja e fumava e bebia muito. Na verdade, chegara ao ponto de sentir-me incapaz de fazer o que quer que fosse sem álcool. Gostava da companhia de meus companheiros de embriaguez. O álcool dopava-me os sentidos, fazendo os desafios da vida parecerem mais fáceis.

Naquele dia de janeiro, porém, fiz uma rápida reavaliação de minha vida. No trabalho, estava removendo o couro de pedaços grossos de tocinho com uma faca muito afiada e, acidentalmente, fiz um profundo corte em minha coxa. Corri em direção à porta, tentando desatar o cinto em que eu prendia meus instrumentos de corte, mas logo caí desmaiado. Colegas de trabalho carregaram-me até a plataforma de

desembarque de cargas, puseram-me num caminhão da companhia e dispararam em direção ao hospital. Eu estava perdendo uma grande quantidade de sangue. Um colega ia a meu lado, na carroceria, pressionando constantemente o corte.

No meio do caminho, passamos por vários trilhos de trem e ele caiu para trás. Quando se levantou e conseguiu continuar ajudando-me, ambos tínhamos certeza de que eu ia morrer. Embora eu estivesse acordado, comecei a ficar extremamente frio. Uma escuridão envolveu-me e tive medo.

Estou morrendo, percebi. Pensei em minha mulher e meus filhos. Não posso morrer agora. Tenho muito o que fazer(. . .)!

Nesse instante decidi que, se minha vida fosse poupada, eu me arrependeria e a colocaria em ordem. Imediatamente o frio que sentia foi substituído por um agradável calor. As trevas afastaram-se e eu adormeci. Mais tarde, fiquei sabendo que por mais de uma vez

beirara a morte na mesa de operação. Os médicos, porém, conseguiram salvar-me a vida e a perna.

Quando acordei naquela noite, vi pela janela a lua brilhando. Chorei ao pensar na segunda oportunidade que me fora dada. Senti um forte desejo de orar—um desejo que para mim era estranho. Não pude ajoelhar-me, mas abri o coração ao Pai Celestial, agradecendo-Lhe por tudo que me dera e por Sua paciência e misericórdia.

Com o apoio de minha esposa e de um bispo extraordinário, comecei a fazer mudanças que nunca imaginara. Após receber alta do hospital, passei a freqüentar a Igreja com minha família. Comecei a estudar as escrituras e a ler outros livros da Igreja.

Fui ordenado sacerdote e depois élder. No final, nossa família foi ao templo, onde fomos selados para esta vida e para a eternidade.

Outras bênçãos seguiram-se. Minha esposa, que lutava contra o câncer, febres reumáticas e outros problemas médicos, passou a sentir-se melhor, como há muitos anos não se sentia. Durante a maior parte de minha vida eu sofrera de uma perda de audição. Depois de muito jejum e oração, submeti-me a uma cirurgia que me restaurou quase totalmente a capacidade de ouvir.

Minha vida tornou-se mais tranquila e agradável, ganhando sentido. Quanto mais aprendo e cresço, mais oro agradecendo a Deus por esse acidente muito afortunado de minha existência. □



ILUSTRADO POR ROBERT A. MCKAY



O Amor de M

Jan T. Molloy

A Sociedade de Socorro amparou-me enquanto eu trabalhava nela, e aprendi o quanto essa sociedade é importante para cada mulher da Igreja.

Primero, pensei que o bispo estava brincando. Eu, a presidente da Sociedade de Socorro? Eu não era casada, e fiquei imaginando o que poderia oferecer às mulheres da minha ala. Mas o bispo sorriu-me amavelmente e assegurou-me que o Pai Celestial queria que eu O servisse nesse cargo.

Na semana seguinte eu estava atordoada. Não conseguia fixar a atenção em nada. Mas no domingo, quando vi meu nome ser anunciado e os membros levantando a mão para apoiar-me, senti o calor do chamado envolvendo-me. Naquele momento teve início a mais maravilhosa jornada espiritual de minha vida.

Eu era uma ex-freira católica e juntei-me à Igreja em 1969. Fiquei feliz quando me chamaram para ser professora de seminário. Seis meses depois, fui designada presidente da Associação de Melhoramentos Mútuos das Moças de minha ala.

Nos dezessete anos que se seguiram, trabalhei principalmente com as Moças e a Primária, exceto em dois



minhas Irmãs

períodos, quando fui professora de Doutrina do Evangelho.

Em janeiro de 1988, fui chamada para ser conselheira educacional da Sociedade de Socorro de minha ala, em *Takapuna*, Nova Zelândia. Logo percebi que tinha muito a oferecer a minhas irmãs da Sociedade de Socorro—e mais ainda para receber.

Era muito estimulante ensinar mulheres adultas e ver como elas enfrentavam as mais variadas situações. Percebi que as lições da Sociedade de Socorro eram pertinentes para cada membro. Mesmo as lições sobre casamento e família baseavam-se nos princípios essenciais do evangelho, princípios de que eu, uma irmã solteira, precisava em minha vida. A Sociedade de Socorro estava se tornando mais importante para mim do que eu podia imaginar.

Contudo, esse chamado foi somente o primeiro passo. Dezoito meses depois, lá estava eu sendo abençoada como presidente da Sociedade de Socorro. Sabia que havia muito trabalho a ser feito para ajudar e fortalecer as irmãs. Não tínhamos a mesma procedência e nossa situação econômica também não era a mesma. Eu queria ajudar principalmente as irmãs que não freqüentavam com regularidade a igreja, pois queria vê-las ativas e compartilhando a

plenitude do evangelho.

Da noite para o dia, depois do meu chamado, passei a sentir-me confiante, como nunca me sentira antes. Minha compaixão aumentou sensivelmente. O Senhor estava realmente aumentando minhas habilidades, e eu sabia que, com Sua ajuda, poderia fazer qualquer coisa que Ele quisesse. Quando visitava as irmãs em casa, meu amor por elas aumentava.

Apreendi a ser paciente quando me sentava ao lado das mais velhas e doentes, ouvindo-as falar de seus desafios. Uma querida irmã de 80 anos, com lágrimas nos olhos, contou-me que já não queria fazer tricô nem crochê. Todo o seu corpo doía e as noites eram longas e tristes.

Um ano depois, eu estava ao lado dela no hospital, segurando-lhe a mão envelhecida e acariciando-lhe o braço. Enquanto ela se esforçava para continuar respirando, eu pedia ao Pai Celestial que a livrasse daquele sofrimento, se assim fosse Sua vontade. O câncer estava destruindo-lhe o corpo. Muitas irmãs de nossa ala ajudaram-na a sentir-se amada nesse período; todas nós desejávamos que ela tivesse paz.

Quarenta e oito horas depois, ela deu o último suspiro, e todas nós choramos. Todas nós podíamos imaginar sua alegria ao entrar em uma nova vida, livre dos problemas terrenos.

Quando estava com ela na última noite, eu sabia que, mesmo naquela terrível condição física, havia um propósito para sua vida—não só para ela pessoalmente, mas para nós também. Como poderíamos aprender a dar nosso tempo e amor, se não houvesse almas necessitadas?

Havia, em nossa ala, irmãs queridas que não enxergavam mais e que dependiam de outros para ler e manter-se

informadas. Outras, com problemas de audição, não conseguiam acompanhar as aulas e palestras aos domingos. Contudo, muitas delas continuavam vindo, ansiavam pelo companheirismo e pelo amor que havia entre as paredes da capela.

Apreendi a doar meu tempo, sem que isso fosse um sacrifício. Muitos sábados acordei sentindo-me cansada. Como eu queria ter um dia de folga! Ficar em casa e afundar em meus próprios problemas e preocupações! Muitas vezes o peso do meu coração quase me venceu. Mas todas as vezes que eu fui a um hospital ou a uma casa visitar alguém que precisava de ajuda, minhas preocupações acalmaram-se, dando lugar à paz. E novamente eu era lembrada de que o Senhor abençoa-nos generosamente quando vamos ao encontro de outra alma.

Apreciava a unidade que sentia entre as irmãs de minha ala. Apesar de nossas diferenças em termos de criação, interesses e cultura, sentíamos que nosso amor umas pelas outras nos aproximava e unia.

Sou grata pela inspiração que recebia quando ia em busca das necessidades de outros. Idéias brotavam, e quando eu tentava implantá-las e orava pedindo orientação, recebia luz e sabedoria. Vivenciei a humildade. Sentia que estava crescendo espiritualmente.

A experiência mais marcante como presidente da Sociedade de Socorro foi o amor incondicional que recebi, diferente de tudo que eu já havia sentido. Eu sei que o Senhor aumentou minha capacidade de amar e de ocupar-me com outras pessoas, e esse sentimento ainda está comigo. Nunca trabalhei tanto e nem tive tanta alegria no meu chamado. A Sociedade de Socorro mudou minha vida. □



A Família de Leí Deixa Jerusalém, de Scott Snow

Néfi, aqui retratado em primeiro plano, registra que o povo de Jerusalém procurou matar seu pai, Leí, porque ele testificava sobre a iniquidade do povo. "O Senhor ordenou a meu pai (...) que partisse com a família para o deserto. (...) E [ele] viajou pelo deserto com sua família, que consistia em minha mãe, Saria, e meus irmãos mais velhos, Lamã, Lemuel e Sam." (Ver 1 Néfi 1:19-20; 2:2-5.)



A pequena cidade de Alice Springs é a porta de entrada para o selvagem e indômito sertão da Austrália. Para os santos dos últimos dias que vivem lá, porém, o ramo SUD é a porta de entrada para o evangelho e a felicidade que ele traz. (Ver "Alice Springs", p. 10.)

